

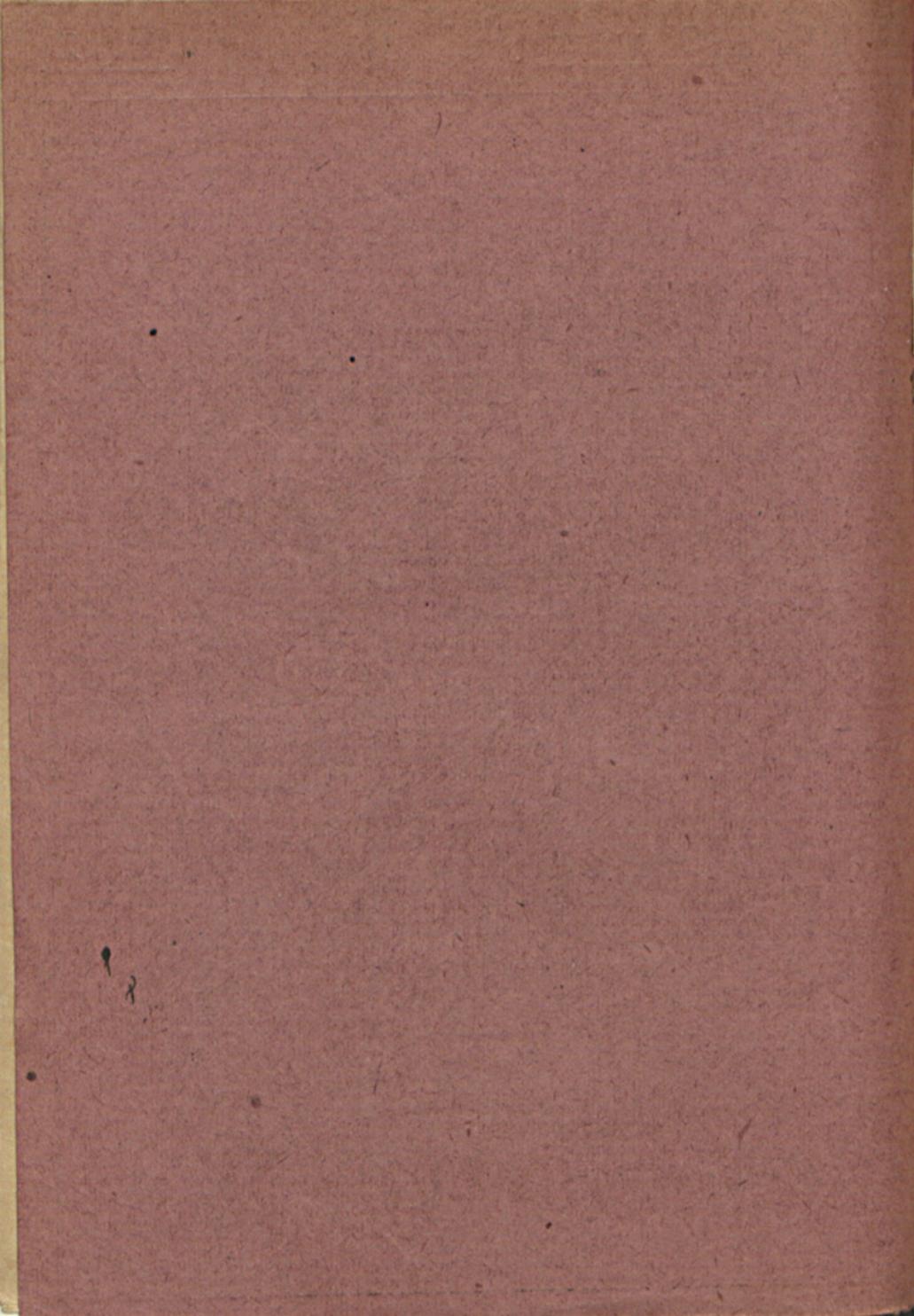
# A EDUCADORA

EMPRESA-EDITORA



Luís de Camões

gme



Curso 2  
251  
Bibliotheca das Escolas e das Familias

IMP LEG.

Luiz de Camões

# SONETOS

Coordenados e acompanhados com um esboço biographico do  
immortal poeta e com a lista  
dos sonetos apocriphos que lhe são attribuidos

POR

Theophilo Braga

II PARTE



LISBOA

A EDUCADORA—Empreza Editora—Rua da Boa Vista 140-1.º

1913

Cam 2,  
257



LUIZ DE CAMÕES

---

---

---

---

SONETOS

II PARTE

---

---

LUIS DE CAÑÓES

---

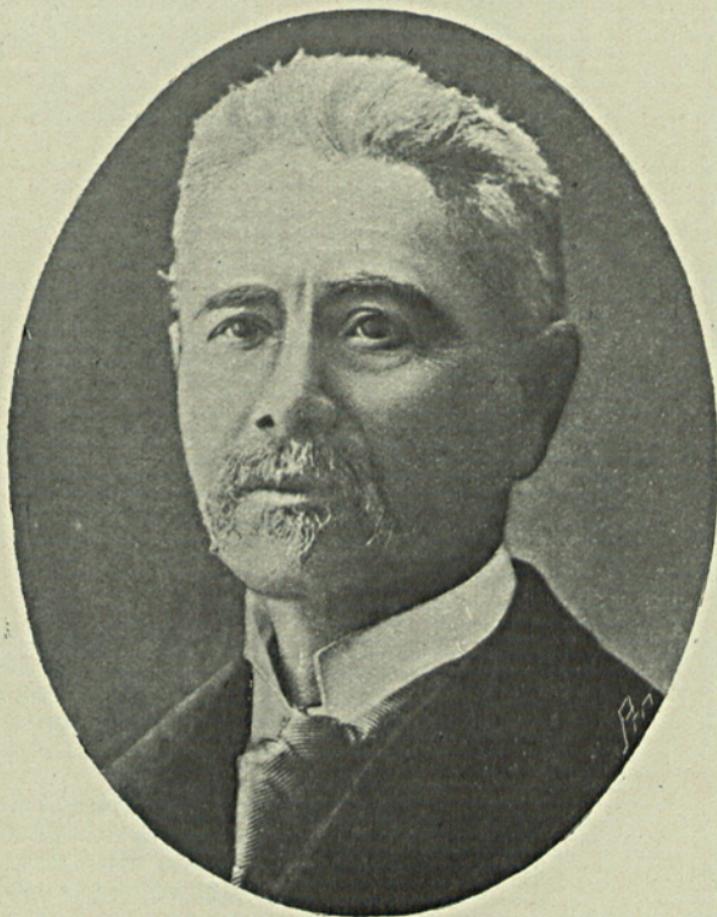


---

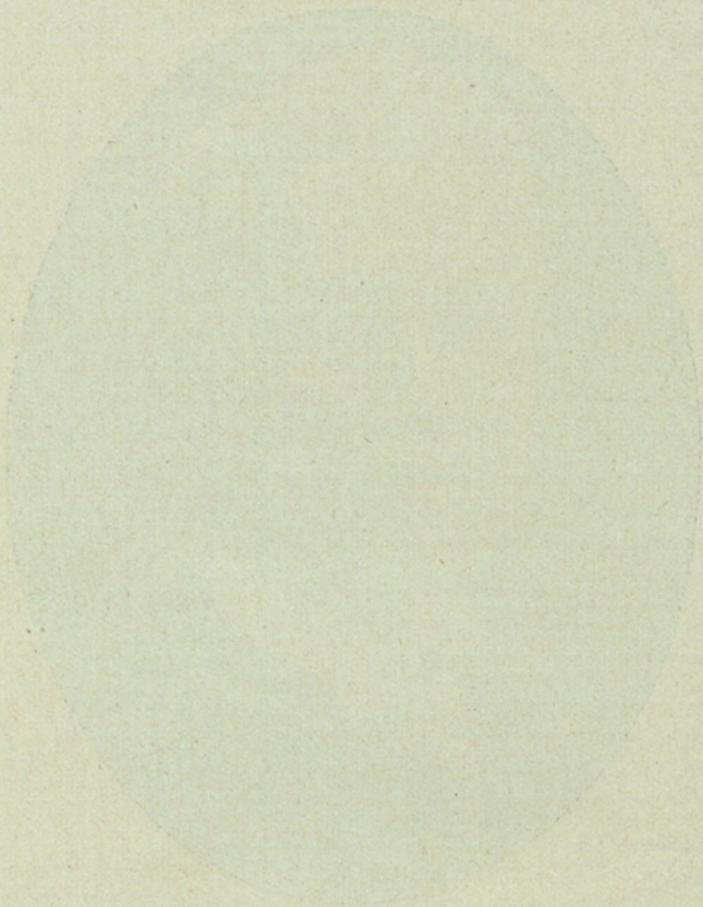
SONETOS

II PARTE

---



THEOPHILO BRAGA



THE UNIVERSITY OF CHICAGO



# SONETOS

---

## PARTE SEGUNDA

### I

Vós, que escutaes em rimas derramado  
Dos suspiros o som que me alentava  
Na juvenil idade, quando andava  
Em outro em parte do que sou mudado ;

Sabei que busca só do já cantado  
No tempo em que ou temia ou esperava,  
De quem o mal provou, que eu tanto amava,  
Piedade, e não perdão, o meu cuidado.

Pois vejo que tamanho sentimento  
Só me rendeu ser fabula da gente  
(Do que commigo mesmo me envergonho).

Sirva de exemplo claro meu tormento,  
Com que todos conheçam claramente  
Que quanto ao mundo apraz é breve sonho.

## II

De amor escrevo, de amor trato e vivo;  
De amor me nasce amar sem ser amado;  
De tudo se descuida o meu cuidado,  
Quanto não seja ser de amor captivo:

De amor que a logar alto voe altivo,  
E funde a gloria sua em ser ousado;  
Que se veja melhor purificado  
No immenso resplendor de um raio esquivo.

Mas ai que tanto amor só pena alcança!  
Mais constante ella, e elle mais constante,  
De seu triumpho cada qual só trata.

Nada, emfim, me aproveita; que a esperanza  
Se anima alguma vez a um triste amante,  
Ao perto vivifica, ao longe mata.

## III

Moradoras gentis e delicadas  
Do claro e aureo Tejo, que mettidas  
Estaes em suas grutas escondidas,  
E com dôce repouso socegadas;

Agora estaes de amores inflammadas,  
Nos crystallinos paços entretidas;  
Agora no exercicio embebecidas  
Das télas de ouro puro matizadas;

Movei dos lindos rostos a luz pura  
De vossos olhos bellos, consentindo  
Que lagrimas derramem de tristura.

E assim com dôr mais propria ireis ouvindo  
As queixas que derramo da ventura,  
Que com penas de amor me vae seguindo.

## IV

Eu cantei já, e agora vou chorando  
O tempo que cantei tão confiado :  
Parece que no canto já passado  
Se estavam minhas lagrimas creando.

Cantei ; mas se me alguém pergunta, quando ?  
Não sei : que tambem fui n'isto enganado.  
E' tão triste este meu presente estado,  
Que o passado por ledô estou julgando.

Fizeram-me cantar manhosamente  
Contentamentos não, mas confianças :  
Cantava, mas já era ao som dos ferros.

De quem me queixarei, se tudo mente ?  
Porém que culpas ponho ás esperanças,  
Onde a fortuna injusta é mais qu'os erros ?

## V

Brandas aguas do Tejo que, passando  
Por estes verdes campos que regaes,  
Plantas, hervas e flôres e animaes,  
Pastores, Nymphas, ides alegrando ;

Não sei, (ah dôces aguas ! ) não sei quando  
Vos tornarei a ver ; que máguas taes,  
Vendo como vos deixo, me causaes,  
Que de tornar já vou desconfiando.

Ordenou o destino, desejoso  
De converter meus gostos em pezaes,  
Partida que me vae custando tanto.

Saudoso de vós d'elle queixoso,  
Encherei de suspiros outros ares,  
Turbarei outras aguas com meu pranto.

## VI

Novos casos de Amor, novos enganos,  
 Envoltos em lisonjas conhecidas;  
 Do bem promessas falsas e escondidas,  
 Onde do mal se cumprem grandes damnos;

Como não tomaes já por desenganos  
 Tantos ais, tantas lagrimas perdidas,  
 Pois que a vida não basta, nem mil vidas,  
 A tantos dias tristes, tantos annos?

Um novo coração mister havia,  
 Com outros olhos menos aggravados,  
 Para tornar a crêr o que eu vos cria.

Andaes commigo, enganos, enganados;  
 E se o quizerdes vêr, cuidae um dia  
 O que se diz dos bem acutilzados.

## VII

Qual tem a borboleta por costume  
 Qu'enlevada na luz da accesa vella,  
 Dando vae voltas mil, até que n'ella  
 Se queima agora, agora se consume:

Tal eu correndo vou ao vivo lume  
 D'esses olhos gentis, Aonia bella;  
 E abraço-me, por mais que com cautella  
 Livrar-me a parte racional presume.

Conheço o muito a que se atreve a vista,  
 O quanto se levanta o pensamento,  
 O como vou morrendo claramente;

Porém não quer Amor que lhe resista,  
 Nem a minh'alma o quer; qu'em tal tormento,  
 Qual em gloria maior está contente.

## VIII

Os meus alegres venturosos dias  
Passaram, como raio, brevemente;  
Movem-se os tristes mais pesadamente  
Apoz das fugitivas alegrias.

Ah falsas pretensões! vãs phantasias!  
Que me podeis já dar que me contente?  
Já de meu triste peito a chamma ardente  
O tempo reduziu a cinzas frias.

N'ellas revolvo agora erros passados;  
Que outro fructo não deu a mocidade,  
A quem vergonha e dôr minha alma deve.

Revolvo mais de toda a mais edade,  
Desejos vãos, vãos choros, vãos cuidados,  
Para que leve tudo o tempo leve.

## IX

Aquella triste e leda madrugada,  
Cheia toda de magua e de piedade.  
Em quanto houver no mundo saudade  
Quero que seja sempre celebrada.

Ella só, quando amena e marchetada  
Sahia, dando á terra claridade,  
Viui apartar-se de uma outra vontade,  
Que nunca poderá vêr-se apartada;

Ella só viui as lagrimas em fio,  
Que de uns e de outros olhos derivadas,  
Juntando-se, formaram largo rio;

Ella ouviu as palavras maguadas,  
Que poderão tornar o fogo frio,  
E dar descanso ás almas condemnadas.

## X

Se quando vos perdi, minha esperança,  
A memoria perdêra juntamente  
Do dôce bem passado e mal presente,  
Pouco sentira a dôr de tal mudança ;

Mas Amor, em quem tinha confiança,  
Me representa mui miudamente  
Quantas vezes me vi lêdo e contente,  
Por me tirar a vida esta lembrança.

De cousas de que apenas um signal  
Havia, porque as dei ao esquecimento,  
Me vejo com memorias perseguido.

Ah dura estrella minha ! Ah grão tormento !  
Que mal pôde ser mór, que no meu mal  
Ter lembranças do bem que é já fugido ?

## XI

Alegres campos, verdes arvoredos,  
Claras e frescas aguas de crystal,  
Que em vós os debuxais ao natural,  
Discorrendo da altura dos rochedos :

Sylvestres montes, asperos penedos  
Compostos de concerto desigual ;  
Sabei que sem licença de meu mal  
Já não podeis fazer meus olhos ledos.

E pois já me não vêdes como vistes,  
Não me alegrem verduras deleitosas,  
Nem aguas que correndo alegres vem.

Semeari em vós lembranças tristes,  
Pagar-vos-hei com lagrimas saudosas,  
E nascerão saudades de meu bem.

## XII

Tem feito os olhos n'este apartamento  
Um mar de saudosa tempestade,  
Que póde dar saudade á saudade,  
Sentimentos ao proprio sentimento.

Em dôr vae convertido o soffrimento.  
Em pena convertida a piedade;  
A razão tão vencida da vontade,  
Qu'escravo faz do mal o entendimento.

A lingua não alcança o qu'alma sente,  
E assim se alguém quizer em algum'hora  
Saber que cousa é dôr não comprehendida,

Parta-se do seu bem, porque exp'rimente  
Qu'antes de se partir, melhor lhe fôra  
Partir-se do viver para ter vida.

## XIII

Quem diz que Amor é falso ou enganoso,  
Ligeiro, ingrato, vão, desconhecido,  
Sem falta lhe terá bem merecido  
Que lhe seja cruel, ou rigoroso.

Amor é brando, é dôce e é piedoso:  
Quem o contrario diz não seja crido;  
Seja por cego e apaixonado tido,  
E aos homens, e inda aos deuses, odioso.

Se males faz Amor, em mim se vem;  
Em mim mostrando todo o seu rigor,  
Ao mundo quiz mostrar quanto podia.

Mas todas suas iras são d'amor;  
Todos estes seus males são um bem,  
Qu'eu por todo outro bem não trocaria.

## XIV

Formosa Beatriz, tendes taes geitos  
N'um brando revolver dos olhos bellos,  
Que só no contemplal-os, se não vêl-os,  
Se inflammam corações e humanos peitos.

Em toda perfeição são tão perfeitos,  
Que o desengano dão de merecel-os :  
Não pôde haver quem possa conhecel-os,  
Sem n'elle Amor fazer grandes efeitos.

Sentiram, por meu mal, tão graves damnos  
Eu meus, que com os vêr, cegos e tristes  
Ficaram sem prazer, co'a luz perdida.

Mas já que vós com elles me feristes,  
Tornae-me a vêr com elles mais humanos,  
E deixareis curada esta ferida.

## XV

Amor, que em sonhos vãos do pensamento  
Paga o zelo maior do seu cuidado,  
Em toda condição, em todo estado,  
Tributario me fez de seu tormento

Eu sirvo, eu canço, e o grão merecimento  
De quanto tenho a Amor sacrificado,  
Nas mãos da ingratidão despedaçado  
Por preza vae do eterno esquecimento.

Mas quando muito, emfim, cresça o perigo,  
A que perpetuamente me condemna  
Amor, que Amor não é, mas inimigo;

Tenho um grande descanço em minha pena,  
Que a gloria do querer, que tanto sigo,  
Não pôde ser co'os males mais pequena.

## XVI

Que fiz, Amor, que assim tão mal me tratas?  
Não sendo todo teu, que mal me queres?  
E se por teu me tens, porque me feres,  
E a minha triste vida desbaratas?

Se com a féra nympha te contratas,  
E de suas esperanças não differes,  
A quem me queixarei do que fizeres?  
Que vida me darás se tu me matas?

E tu despiedosa honra e fama,  
Respondes com mortal esquecimento!  
Não tens a tanta fé algum respeito?

Mas já que tu não vês a quem te ama,  
Não vindo, não terás cõhecimento  
De quem sempre continuo por ti chama.

## XVII

Se ao que te quero dèsses tanta fé,  
Quanto me dás tormento ao coração,  
Meus suspiros não eram tanto em vão,  
Nem eu te pediria em vão mercê.

Mas é tal tua dureza, que não crê  
Os males que me faz tua condição,  
Podendo comtigo mais a sem razão  
Do que é o terno amor que em mim se vê.

E pois, sempre á morte me chegaste  
Com desamor que não merecia,  
Eu morrerei, mas sabe que ganhaste?

Dizerem-te as gentes cada dia:  
Ah! Senhora cruel, porque mataste  
A quem mais que a vida te queria?

## XVIII

Apartava-se Nise de Montano,  
Em cuja alma, partindo-se, ficava;  
Que o pastor na memoria a debuxava,  
Por poder sustentar-se d'este engano.

Por uma praia do Indico Oceano  
Sobre o curvo cajado se encostava,  
E os olhos por as aguas alongava,  
Que pouco se doiam do seu damno.

«Pois com tamanha mágua e saudade,  
(Dizia) quiz deixar-me a que eu adoro,  
Por testemunhas tomo céo e estrellas;

Mas se em vós, ondas, móra piedade,  
Levai tambem as lagrimas que choro,  
Pois assim me levaeis a causa d'ellas.»

## XIX

Quando vejo que meu destino ordena  
Que, por me experimentar, de vós me aparte,  
Deixando de meu bem tão grande parte,  
Que a mesma culpa fica grave pena;

O duro desfavor, que me condemna,  
Quando por a memoria se reparte,  
Endurece os sentidos de tal arte  
Que a dôr da ausencia fica mais pequena.

Mas como pôde ser que na mudança  
D'aquillo que mais quero, estê tão fóra  
De me não apartar tambem da vida?

Eu refrearei tão áspera esquivança;  
Porque mais sentirei partir, Senhora,  
Sem sentir muito a pena da partida.

## XX

Depois de tantos dias mal gastados,  
Depois de tantas noites mal dormidas,  
Depois de tantas lagrimas vertidas,  
Tantos suspiros vãos vamente dados ;

Como não sois vós já desenganados,  
Desejos, que de cousas esquecidas  
Quereis remediar mortaes feridas,  
Que Amor fez sem remedio, o Tempo, os Fados?

Se não tivereis já longa experiencia  
Das sem razões de Amor a quem servistes  
Fraqueza fôra em vós a resistencia ;

Mas pois por vosso mal seus males vistes,  
Que o tempo não curou, nem larga ausencia  
Qual bem d'elle esperais, desejos tristes?

## XXI

Eu me aparto de vós, Nymphas do Tejo,  
Quando menos temia esta partida ;  
E se a minha alma vae entristecida  
Nos olhos o vereis com que vos vejo.

Pequenas esperanças, mal sobejo,  
Vontade que razão leva vencida,  
Presto verão o fim á triste vida,  
Se vos não torno a vêr como desejo.

Nunca a noite entretanto, nunca o dia  
Verão partir de mim vossa lembrança,  
Amor que vai commigo o certifica,

Por mais que no tornar haja tardança,  
Me farão sempre triste companhia  
Saudades do bem que em vós me fica.

## XXII

Ditoso seja aquelle que sómente  
Se queixa de amorosas esquivaças;  
Pois por ellas não perde as esperanças  
De poder n'algun tempo ser contente.

Ditoso seja quem estando ausente  
Não sente mais que a pena das lembranças,  
Porqu'inda que se tema de mudanças,  
Menos se teme a dôr quando se sente.

Ditoso seja, enfim, qualquer estado,  
Onde enganos, despresos e isenção  
Trazem um coração atormentado.

Mas triste quem se sente maguado  
De erros em que não pôde haver perdão  
Sem ficar n'alma a mágua do pecado.

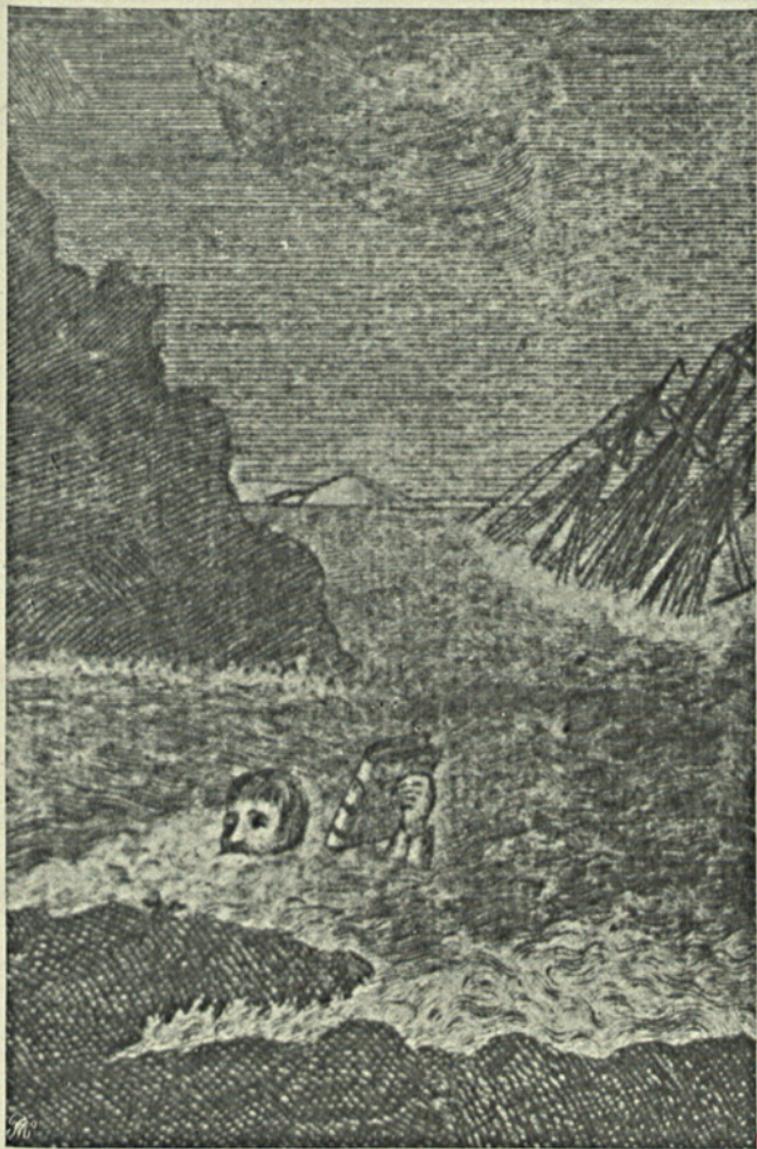
## XXIII

No mundo quiz o Tempo que se achasse  
O bem que por acêrto, ou sorte vinha;  
E por experimentar que dita tinha,  
Quiz que a Fortuna em mim se experimentasse

Mas porque o meu destino me mostrasse  
Que nem ter esperanças me convinha,  
Nunca n'esta tão longa vida minha  
Cousa me deixou ver que desejasse.

Mudando andei costumes, terra, estado,  
Por vêr se mudava a sorte dura;  
A vida puz nas mãos de um leve lenho.

Mas, segundo o que o céu me tem mostrado,  
Já sei que d'este meu buscar ventura  
Achado tenho já que não a tenho.



Camões conseguindo salvar-se e salvar igualmente o manuscrito dos «Lusiadas»  
do naufragio da Náo em que seguia de Macau para Gôa.  
(Reprodução d'uma gravura antiga)



1  
D  
E  
F  
G  
H  
I  
J  
K  
L  
M  
N  
O  
P  
Q  
R  
S  
T  
U  
V  
W  
X  
Y  
Z

## XXIV

Os vestidos Elisa revolvía,  
Que Eneas lhe deixára por memoria;  
Dôces despojos da passada gloria;  
Dôces quando seu fado o consentia.

Entre elles a formosa espada via,  
Que instrumento, em fim, foi da triste historia;  
E como quem de si tinha a victoria,  
Falando só com ella, assi dizia:

«Formosa e nova espada, se ficaste  
Só porque executasses os enganos  
De quem te quiz deixar, em minha vida;

«Sabe que tu commigo te enganaste;  
Que para me tirar de tantos damnos  
Sobeja-me a tristeza da partida».

## XXV

Quem quizer vêr d'amor uma excellencia  
Onde sua fineza mais se apura,  
Attende onde me põe minha ventura,  
Porque de minha fé faça exp'riencia.

Onde lembranças mata a larga ausencia,  
Em temeroso mar, em guerra dura,  
A saudade alli'stá mais segura,  
Quando risco maior corre a paciencia.

Mas ponha-me a Fortuna e o duro Fado,  
Em morte, ou nojo, ou damno, ou perdição,  
Ou em sublime e próspera ventura;

Ponha-me, em fim, em baixo ou em alto estado  
Que até na dura morte me acharão  
Na lingua o nome, e n'alma a vista pura.

## XXVI

Sentindo-se alcançada a bella esposa  
De Céphalo no crime consentido,  
Para os montes fugia do marido ;  
E não sei se de astuta, ou vergonhosa

Porque elle emfim, soffrendo a dôr ciosa,  
Da cegueira obrigado de Cupido,  
Após ella se vae como perdido,  
Já perdoando a culpa criminosa.

Deita-se aos pés da Nympha endurecida,  
Que do cioso engano está aggravada ;  
Já lhe pede perdão, já pede a vida,

Oh força d'affeição desatinada !  
Que da culpa contr'elle commettida,  
Perdão pedia á parte que é culpada !

## XXVII

O céo, a terra, o vento socegado,  
As ondas que se estendem por a areia,  
Os peixes que no mar o somno enfreia,  
O nocturno silencio repousado :

O pescador Aonio que, deitado  
Onde co'o vento a agua se meneia,  
Chorando, o nome amado em vão nomeia,  
Que não póde ser mais que nomeado :

Ondas, (dizia) antes que o amor me mate,  
Tornae-me a minha Nympha, que tão cedo  
Me fizestes á morte estar sujeita.

Ninguem responde ; o mar de longe bate ;  
Move-se brandamente o arvoredado ;  
Leva-lhe o vento a voz, qu'ao vento deita.

## XXVIII

Gentil Senhora, se a Fortuna imiga,  
 Que contra mim com todo o Céu conspira,  
 Os olhos meus de vêr os vossos tira,  
 Porque em mais graves casos me persiga ;

Commigo levo esta alma, que se obriga  
 Na mór pressa do mar, de fogo, e d'ira,  
 A dar-vos a memoria, que suspira  
 Só por fazer comvosco eterna liga.

N'esta alma, onde a fortuna pôde pouco,  
 Tão viva vos terei, que frio e fome,  
 Vos não possam tirar, nem mais perigos.

Antes, com som de vós trémulo e rouco  
 Por vós chamando, só com vosso nome  
 Farei fugir os ventos, e os imigos.

## XXIX

Ai imiga cruel! que apartamento  
 E' este que fazeis da patria terra?  
 Ai! quem do amado ninho vos desterra,  
 Gloria dos olhos, bem do pensamento?

Is tentar da Fortuna o movimento,  
 E dos ventos crueis a dura guerra?  
 Vêr brenhas de ondas? feito o mar em serra,  
 Levantado de um vento e de outro vento?

Mas já que vós partis, sem vos partirdes,  
 Parta comvosco o céo tanta ventura,  
 Que se avantaje áquella qu'esperardes,

E só d'esta verdade ide segura,  
 Que fazeis mais saudades com vos irdes,  
 Do que levaeis desejos por chegardes.

## XXX

Senhora já d'esta alma perdoae  
De um vencido de Amor os desatinos,  
E sejam vossos olhos tão beninos  
Com este puro amor, que d'alma sahe.

A minha pura fé somente olhae,  
E vêde meus extremos se são finos;  
E se de alguma pena fôrem dinos,  
Em mim, Senhora minha, vos vingae.

Não seja a dôr que abraza o triste peito  
Causa por onde pene o coração,  
Que tanto em firme amor vos é sujeito.

Guardae-vos do que alguns, dama dirão,  
Que sendo raro em tudo vosso objecto,  
Possa morar em vós ingratição.

## XXXI

Diversos casos, varios pensamentos  
Me trazem tão confuso o entendimento,  
Que em nada vejo já contentamento,  
Se não quando se vão contentamentos:

Em varios casos, varios sentimentos  
Succedem, por mostrar ao fundamento,  
Que é o que se deseja tudo vento,  
Pois pinta haver descanço em vãos intentos:

Vê-se em grandes discursos e desejo,  
Quando as occasiões os tempos mudam,  
Não ha cousa impossivel a um cuidado:

O injusto co'o justo é já trocado,  
Os duros montes seus assentos mudam,  
Eu só não posso vêr meu mal mudado.

## XXXII

Oh rigorosa ausencia desejada  
De mim sempre, mas nunca conhecida!  
Saudade, n'outro tempo-tão temida,  
Como em meu damno agora exp'riimentada!

Já rigorosamente começada  
Tendes vossa esperança em minha vida;  
Mas tanto, que já temo que opprimida  
Sejaes com ella cedo, ou acabada.

Os dias mais alegres me entristecem;  
As noites, com cuidados as desconto,  
Em que sem vós sem conto me parecem.

Eu desejando espero, e os annos conto;  
Mas com a vida, emfim, elles fallecem:  
Nem basta á carne enferma esp'rito prompto.

## XXXIII

Quando a suprema dôr muito me aperta,  
Se digo que desejo esquecimento,  
E' força que se faz ao pensamento,  
De que a vontade livre desconcerta.

Assim de erro tão grave me desperta,  
A luz do bem regido entendimento,  
Que mostra ser engano, ou fingimento,  
Dizer que em tal descanço mais se acerta.

Porque essa propria imagem, que na mente  
Me representa o bem de que careço,  
Faz-m'o de um certo modo ser presente.

Ditosa é, logo, a pena que padeço,  
Pois que da causa d'ella em mim se sente  
Um bem que, inda sem vêr-vos, reconheço.

## XXXIV

N'um tão alto logar, de tanto preço,  
 Este meu pensamento posto vejo,  
 Que desfallece n'elle inda o desejo.  
 Vendo quanto por mi o desmereço.

Quando esta tal baixeza em mi conheço,  
 Acho que cuidar n'elle é grão despejo,  
 E que morrer por elle me é sobejo  
 E mór bem para mim, do que mereço.

O mais que natural merecimento  
 De quem me causa um mal tão duro e forte  
 O faz que vá crescendo de hora em hora.

Mas eu não deixarei meu pensamento,  
 Porque inda qu'este mal me causa a morte,  
*Un bel morir tutta la vita honora.*

## XXXV

Quantas penas, Amor, quantos cuidados,  
 Quantas lagrimas tristes sem proveito,  
 De que mil vezes olhos, rosto e peito,  
 Por ti, cego, me viste já banhados ;

Quantos mortaes suspiros derramados,  
 Do coração por tanto a ti sujeito,  
 Quantos males, emfim, tu me tens feito,  
 Todos foram em mim bem empregados.

A tudo safisfaz (confesso-te isto)  
 Uma só vista branda e amorosa  
 De quem me captivou minha ventura.

Oh sempre para mim hora ditosa !  
 Que posso temer já, pois tenho visto,  
 Com tanto gosto meu, tanta brandura ?

## XXXVI

Se como em tudo o mais fostes perfeita,  
 Fôreis de condição menos esquiua,  
 Fôra a minha fortuna mais altiva,  
 Fôra a sua altiveza mais sujeita.

Mas quando a vida a vossos pés se deita,  
 Porque não a acceitaes, não quer que eu viva,  
 Ella propria de si já a mim me priva;  
 Que, porque me engeitaes, tambem me engeita.

Se n'isso contradiz vossa vontade,  
 Mandae-lhe vós, Senhora, que dê fim  
 A' minha profundissima tristeza.

Pois ella não m'o dá, porque piedade  
 Tenha d'este meu mal, mas porque em mim  
 Possaes assim fartar vossa crueza.

## XXXVII

O tempo acaba o anno, o mez e a hora,  
 A força, a arte, a manha, a fortaleza;  
 O tempo acaba a fama e a riqueza,  
 O tempo o mesmo tempo de si chora:

O tempo busca, e acaba o onde móra  
 Qualquer ingratição, qualquer dureza.  
 Mas não póde acabar minha tristeza  
 Em quanto não quizerdes vós, Senhora.

O tempo o claro dia torna escuro,  
 E o mais ledo prazer em choro triste,  
 O tempo a tempestade em grã bonança;

Mas de abrandar o tempo estou seguro,  
 O peito de diamante onde consiste  
 A pena e o prazer d'esta esperança.

## XXXVIII

Posto me tem fortuna em tal estado,  
 E tanto a seus pés me tem rendido!  
 Não tenho que perder, já de perdido.  
 Não tenho que mudar, já de mudado.

Todo bem para mim é acabado:  
 D'aqui dou o viver já por vivido;  
 Que aonde o mal é tão conhecido,  
 Também o viver mais será 'scusado.

Se me basta querer, a morte quero  
 Que bem outra esperança não convém:  
 E curarei um mal com outro mal.

E pois do bem tão pouco bem espero,  
 Já que o mal esse só remedio tem,  
 Não me culpem em qu'erer remedio tal.

## XXXIX

Lembranças, que lembraes o bem passado  
 Para que sinta mais o mal presente,  
 Deixae-me, se quereis, viver contente,  
 Morrer não me deixeis em tal estado.

Se de todo, comtudo, está do Fado.  
 Que eu morria de viver tão descontente,  
 Venha-me todo o bem por accidente,  
 E todo o mal me venha por cuidado.

Que muito melhor é perder-se a vida,  
 Perdendo-se as lembranças da memoria,  
 Pois fazem tanto damno ao pensamento.

Porque, emfim, nada perde quem perdida.  
 A esperança tem já d'aquella gloria  
 Que fazia suave o seu tormento.

## XL

Dôce contentamento já passado,  
Em que todo o meu bem só consistia,  
Quem vos levou de minha companhia,  
E me deixou de vós tão apartado?

Quem cuidou que se visse n'este estado  
N'aquellas breves horas d'alegria,  
Quando a minha ventura consentia  
Que d'enganos vivesse meu cuidado?

Fortuna minha foi cruel e dura  
Aquella que causou meu perdimento,  
Com a qual ninguem pôde ter cautella.

Nem se engane nenhuma creatura;  
Que não pôde nenhum impedimento  
Fugir o que lh'ordena sua estrella.

## XLI

Horas breves de meu contentamento,  
Nunca me pareceu, quando vos tinha,  
Que vos visse mudadas tão asinha  
Em tão compridos annos de tormento.

As altas torres, que fundei no vento,  
Levou, enfim o vento que as sustinha:  
Do mal, que me ficou a culpa é minha,  
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

Amor com brandas mostras apparece,  
Tudo possível faz, tudo assegura;  
Mas logo no melhor desaparece.

Extranho mal! extranha desventura!  
Por um pequeno bem, que desfallece,  
Um bem aventurar, que sempre dura!

## -XLII

Sustenta o meu viver uma esperança  
 Derivada de um bem tão desejado,  
 Que quando n'ella estou mais confiado,  
 Mór duvida me põe qualquer mudança.

E quando inda este bem na mór pujança  
 De seus gôstos me têm mais enlevado,  
 Me atormenta então vêr eu qu'alcançado  
 Será por quem de vós não têm lembrança.

Assim que n'estas rêdes enlaçado,  
 Apenas dou a vida, sustentando  
 Uma nova materia a meu cuidado.

Suspiros d'alma tristes arrancando,  
 Dos silvos d'uma pedra acompanhado,  
 Estou materias tristes lamentando.

## XLIII

Já não sinto, Senhora, os desenganos,  
 Com que minha afeição sempre tratastes,  
 Nem vêr o galardão, que me negastes,  
 Merecido por fé ha tantos annos.

A mágua choro só, só choro os danos  
 De vêr por quem, Senhora, me trocastes;  
 Mas em tal caso vós só me vingastes  
 De vossa ingratição, vossos enganos.

Dobrada gloria dá qualquer vingança,  
 Que o offendido toma do culpado,  
 Quando se satisfaz com causa justa;

Mas eu de vossos males e esquivança,  
 De que agora me vejo bem vingado.  
 Não a quizera tanto á vossa custa.

## XLIV

Que póde já fazer minha ventura,  
 Que seja para meu contentamento?  
 Ou como fazer devo fundamento  
 De cousa que o não tem, nem é segura?

Que pena póde ser tão certa e dura,  
 Que possa ser maior que meu tormento?  
 Ou como receará meu pensamento  
 Os males, se com elles mais se apura?

Como quem se costuma de pequeno  
 Com peçonha criar por mão sciente,  
 Da qual o uso já o tem seguro:

Assim de acostumado co'o veneno,  
 O uso de soffrer meu mal presente  
 Me faz não sentir já nada o futuro.

## XLV

De cá, d'onde sómente o imaginar-vos  
 A rigorosa ausencia me consente,  
 Sobre as azas de amor, ousadamente  
 O mal soffrido espirito vae buscar-vos.

E se não receára de abraçar-vos  
 Nas chammas que por vossa causa sente,  
 Lá ficára comvosco e, vós presente,  
 Aprendera de vós a contentar-vos.

Mas, pois que estar ausente lhe é forçado,  
 Por senhora, de cá, vos reconhece,  
 Aos pés de imagens vossas inclinado.

E pois vêde a fé que vos offerece,  
 Ponde os olhos, de lá, no seu cuidado,  
 E dar-lhe-heis inda mais do que merece.

## XLVI

De mil suspeitas vãs se me levantam  
Trabalhos e desgostos verdadeiros ;  
Ai que estes bens de Amor são feiticeiros  
Que como um não sei que, toda a alma encantam !

Como serêas dôcemente cantam  
Para enganar os tristes marinheiros :  
Os meus assim me attrahem lisonjeiros,  
E depois com horrores mil me espantam.

Quando cuido que tomo porto ou terra,  
Tal vento se levanta em um instante,  
Que subito da vida desconfio.

Mas eu sou quem me faz a maior guerra,  
Pois conhecendo os riscos de um amante  
Fiado a ondas de Amor, d'ellas me fio.

## XLVII

Senhora minha, se eu de vós ausente  
Me defendera de um penar severo,  
Suspeito que offendera o que vos quero,  
Esquecido do bem de estar presente.

Traz este, logo sinto outro accidente,  
E é ver que se da vida desespero ;  
Perco a gloria que vendo-vos espero ;  
E assim estou em meus males diferente.

E n'esta differença meus sentidos  
Combatem com tão aspera porfia,  
Que julgo este meu mal por deshumano.

Entre si sempre os vejo divididos ;  
E se acaso concordam algum dia,  
É só conjuração para meu damno.

## XLVIII

No tempo que de amor viver sohia,  
Nem sempre andava o remo ferrolhado;  
Antes agora livre, agora atado  
Em varias flammas variamente ardia.

Que ardesse n'um só fogo não queria  
O céo, porque tivesse exp'rimtado  
Quem mudar as causas ao cuidado  
Mudança na ventura me faria.

E se algum pouco tempo andava isento,  
Foi como quem co'o peso descansou,  
Por tornar a cansar com mais alento.

Louvado seja Amor em meu tormento,  
Pois para passatempo seu tomou  
Este meu tão cansado soffrimento!

## XLIX

Em prisões baixas fui um tempo atado;  
Vergonhoso castigo de meus erros:  
Inda agora arrojando levo os ferros,  
Que a morte, a meu pezar, tem já quebrado.

Sacrifiquei a vida a meu cuidado,  
Que Amor não quer cordeiros nem bezerros;  
Vi máguas, vi miserias, vi desterros:  
Parece-me que estava assi ordenado.

Contentei-me com pouco, conhecendo  
Que era o contentamento vergonhoso,  
Só por vêr que cousa era viver lêdo.

Mas minha Estrella, que eu já agora entendo,  
A Morte cega, e o caso duvidoso  
Me fizeram de gostos haver medo.

## L

Nó regaço da mãe Amor estava  
Dormindo tão formoso, que movia  
O coração que mais isento o via;  
E a sua propria mãe de amor matava.

Ella, co'os olhos n'elle contemplava  
A quanto estrago o mundo reduzia:  
Elle, porém, sonhando lhe dizia  
Que todo aquelle mal ella o causava.

Soliso que, graduado em seus amores,  
De saber de ambos mais teve a ventura,  
Assim soltou a duvida aos pastores:

«Se bem me ferem sempre sem ter cura  
Do menino os ardentes passadores,  
Mais me fere da mãe a formosura.»

## LI

Este terrestre cháos com seus vapores  
Não póde condensar as nuvens tanto,  
Que o claro sol não rompa o negro manto  
Com suas bellas e luzentes côres.

A ingratição esquiva de rigores  
Opposta nuvem é, que dura em quanto  
Nos não converte o céu em triste pranto  
Suas vãs esperanças, seus favores.

Póde-se contrapôr ao céu a terra,  
E estar o sol por horas eclypsado;  
Mas não póde ficar escurecido.

Póde prevalecer a vossa guerra;  
Mas, apesar das nuvens, declarado  
Ha de ser vosso sol, e obedecido.

## LII

Uma admiravel herva se conhece,  
Que vae ao sol seguindo de hora em hora,  
Logo que elle do Euphrates se vê fóra,  
E quando está mais alto, então floresce.

Mas quando ao Oceano o carro desce,  
Toda a sua belleza perde Flora,  
Porque ella se emmurchece e se descóra :  
Tanto co'a luz auzente se entristece !

Meu sol, quando alegraes esta alma vossa,  
Mostrando-lhe esse rosto que dá vida,  
Cria flôres em seu contentamento.

Mas logo, em não vos vendo, entristecida  
Se murcha e se consume em grão tormento :  
Nem ha quem vossa ausencia soffrer possa.

## LIII

Crescei, desejo meu, pois que a ventura  
Já vos tem nos seus braços levantado ;  
Que a bella causa de que sois gerado  
O mais ditoso fim vos assegura.

Se aspiraes por ousado a tanta altura,  
Não vos espante haver ao sol chegado ;  
Porque é de aguia real vosso cuidado  
Que quanto mais o soffre, mais se apura.

Animo, coração ; que o pensamento  
Te póde inda fazer mais glorioso.  
Sem que respeite a teu merecimento.

Que cresça inda mais é já forçoso ;  
Porque se foi de ousado o teu intento,  
Agora de atrevido é venturoso.

## LIV

Creou a natureza Damas bellas.  
 Que foram de altos plectros celebradas ;  
 D'ellas tomou as partes mais prezadas,  
 E a vós, Senhora, fez do melhor d'ellas.

Ellas deante vós são as estrellas,  
 Que ficam com vos vêr logo eclipsadas ;  
 Mas se ellas tem por sol essas rosadas  
 Luzes de sol maior, felizes ellas!

Em perfeição, em graça e gentileza,  
 Por um modo entre humanos peregrino,  
 A todo o bello excede essa belleza.

Oh quem tivera partes de divino  
 Para vos merecer ! Mas se pureza  
 De amor val ante vós, de vós sou dino.

## LV

Que esperaes, esperança? Desespéro.  
 Quem d'isso a causa foi? Uma mudança.  
 Vós, vida, como estaes? Sem esperança.  
 Que dizeis, coração? Que muito quero.

Que sentis, alma, vós? Que amôr é fero.  
 E, emfim, como viveis? Sem confiança.  
 Quem vos sustenta, logo? Uma lembrança.  
 E só n'ella esperaes? Só n'ella espero.

Em que podeis parar? N'isto em que estou.  
 E em que estaes vós? Em acabar a vida.  
 E tendel-o por bem? Amor o quer.

Quem vos obriga assim? Saber quem sou.  
 E quem sois? Quem de todo está rendida.  
 A quem rendida estaes? A um só querer.



ESTATUA DE CAMÕES EM LISBOA  
(Praça de Luiz de Camões)





## LVI

Se algum'hora essa vista mais suave  
 Acaso a mim volveis, em um momento  
 Me sinto com um tal contentamento,  
 Que não temo que damno algum me aggrave.

Mas quando com desdem esquivo e grave  
 O bello rosto me mostraes isento,  
 Uma dôr provo tal, um tal tormento,  
 Que muito vem a ser que não me acabe.

Assim está minha vida, ou minha morte  
 Não volver d'esses olhos; pois podeis  
 Dar co'uma volta d'elles morte, ou vida.

Ditoso eu, se o céo quer, ou minha sorte,  
 Que ou vida, para dar-vol-a, me deis,  
 Ou morte, para haver morte querida?

## LVII

Alma minha gentil que te partiste  
 Tão cedo d'esta vida descontente,  
 Repousa lá no céo eternamente  
 E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethereo, onde subiste,  
 Memoria d'esta vida se consente,  
 Não te esqueças de aquelle amor ardente,  
 Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te  
 Alguma cousa a dôr que me ficou  
 Da magua, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deus que teus annos encurtou,  
 Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,  
 Quão cedo de meus olhos te levou.

## LVIII

Do corpo estava já quasi forçada  
Aquella alma gentil ao céo devida,  
Rompendo a nobre têa de sua vida,  
Por tornar cedo á patria desejada.

Ainda em flôr, sem ter raiz lançada,  
Na terra, d'ella tanto aborrecida  
Se arrancou bôamente, e esta partida  
Fez a morte suave a sua jornada,

Alma pura, que ao mundo te mostraste,  
Solta de outros grilhões, que outros enlaçam  
E agora gosas lá dias melhores,

Dos teus, que cá sem ti tristes deixaste,  
Te môva alta piedade, enquanto passam  
Estas horas que a dôr lhes faz maiores.

## LIX

Memoria de meu bem cortado em flor,  
Por ordem dos meus tristes e máos fados,  
Deixa-me descansar em meus cuidados,  
N'esta inquietação dos meus amôres.

Basta-me o mal presente e os meus temores  
Dos sucessos que espero infortunados,  
Sem que venham de novo bens passados  
Afrontar meu repouso com suas dôres.

Perdi em uma hora quanto em termos  
Vagarosos e largos alcancei;  
Lembra-me pois, lembranças, d'essa gloria,

Cumpre acabe a vida n'estes ermos  
Porque n'elles com meu mal acabarei  
Mil vidas, não uma só, dura memoria.

## L X

Divina companhia, que nos prados  
Do claro Eurotas, ou no Olympo monte,  
Ou sobre as margens da Castalia fonte  
Vossos estudos tendes mais sagrados;

Pois por destino dos immoveis fados  
Quereis qu'em vosso numero me conte,  
No eterno templo de Belorofonte  
Ponde em bronze estes versos entalhados :

Soliso (porque em seculos futuros  
Se veja da belleza o que merece  
Quem de sabia doudice a mente inflamma)

Seus escriptos, da sorte já seguros,  
A estas aras em uma mão off'rece,  
E a alma em outra á su a bella dama.

## L X I

Se em mim, ó alma, vive mais lembrança  
Que aquella só da gloria de querer-vos,  
Eu perca todo o bem que lógro em vêr-vos,  
E de vêr-vos tambem toda a esperança.

Veja-se em mim tão rustica esquivança,  
Que possa indigno ser de conhecer-vos;  
E, quando em mór empenho de aprazer-vos,  
Vos offenda, se em mim houver mudança.

Confirmado estou já n'esta certeza:  
Examine-me vossa crueldade,  
Exprimente-se em mim vossa dureza.

Conhecei já de mim tanta verdade;  
Pois em penhor e fé d'esta pureza  
Tributo vos fiz ser o que é vontade.

## L X II

A peregrinação d'um pensamento,  
 Que dos males fez habito e costume,  
 Tanto da triste vida me consume,  
 Quando cresce na causa do tormento.

Leva a dôr de vencida ao soffrimento ;  
 Mas a alma está, de entregue, tão sem lume,  
 Qu'enlevada no bem que haver presume,  
 Não faz caso do mal qu'está de assento,

De longe receei (se me valêra)  
 O perigo que tanto á porta vejo,  
 Quando não acho em mim cousa segura.

Mas já conheço, (oh nunca o conhecêra!)  
 Que entendimentos presos do desejo  
 Não teem remedio mais que o da ventura.

## L X I I I

Acho-me da fortuna salteado ;  
 O tempo vae fugindo pressuroso,  
 Deixando-me da vida duvidoso,  
 E cada instante mais desesperado.

Trocou-se o meu descuido em tal cuidado,  
 Que d'onde a gloria é mais, é mais penoso,  
 Nem vivo de perder-me receoso,  
 Nem de poder ganhar-me confiado.

Qualquer ave nos montes mais agrestes,  
 Qualquer fêra na cova reponsando:  
 Tem horas de alegria: eu todas tristes.

Vós, saudosos olhos, que o quizestes,  
 (Pois com tormento Amor me está pagando)  
 Choraes, com o que vêdes, o que vistes.

## L X I V

Se no que tenho dito vos offendo,  
 Não é a intenção minha de offender-vos ;  
 Qu'inda que não pretenda merecer-vos,  
 Não vos desmerecer sempre pretendo.

Mas é meu fado tal, segundo entendo,  
 Que, por quanto ganhava em entender-vos,  
 Não me deixa até gora conhecer-vos,  
 Por a mim proprio m'ir desconhecendo.

Os dias ajudados da ventura  
 A cada qual de si dão desenganos,  
 E a outros soe dal-o a desventura.

Qual d'estas sirva a mim, dirão os damnos  
 Ou gôstos que eu tiver, em quanto dura  
 Esta vida, tão larga em poucos annos.

## L X V

Quanto tempo, olhos meus, com tal lamento  
 Vos hei de vêr tão tristes e aggravados?  
 Não bastam meus suspiros inflammados,  
 Que sempre em mim renovam meu tormento?

Não basta consentir meu pensamento  
 Em maguas, em tristezas e em cuidados,  
 Senão que haveis de andar tão maltratados,  
 Que lagrimas tenhaes por mantimento?

Não sei porqne tomaes esta vingança,  
 Mostrando-vos na ausencia tão saudosos,  
 Se sabeis quanto póde uma esperança.

Olhos, não aggraveis outros formosos,  
 Tornando um puro amor em esquivaça,  
 Pois ficaes por esquivos desdenhosos.

## L X V I

Quando os olhos emprégo no passado,  
De quanto passei me acho arrependido,  
Vejo que tudo foi tempo perdido,  
Que todo o emprego foi mal empregado.

Sempre no mais damnoso mais cuidado,  
Tudo o que mais cumpria, mal cumprido ;  
De desenganos menos advertido  
Fui quando de esperanças mais frustado.

Os castellos que erguia o pensamento  
No ponto que mais altos os erguia,  
Por esse chão os via em um momento.

Que erradas contas faz a phantasia !  
Pois tudo pára em morte, tudo em vento,  
Triste o que espera ! triste o que confia !

## L X V I I

Ausente d'essa vista pura e bella  
Que d'antes viver ledo me fazia,  
Vivo agora tão farto de agonia,  
Quanto vendo-vos fui já falto d'ella.

Chamo dura e cruel a dura estrella  
Que me aparta de vós minha alegria,  
Mil vezes maldizendo a hora e dia  
Que foi duro principio a tal querella :

E tanta pena passo n'esta ausencia,  
A que o cruel destino me condemna,  
Porque soffra uma dôr ao mundo rara,

Que já vencer deixara a paciencia  
Com minha vida, á força d'esta pena,  
Se a vida para vêr-vos não guardara.

## LXVIII

Gôstos falsos de amor, gôstos fingidos,  
 Gôstos vãos, gôstos sempre limitados,  
 Gôstos grandes emquanto imaginados,  
 Gôstos pequenos quando possuidos ;

Inda não alcançados, já perdidos,  
 Inda não começados, já acabados.  
 Inconstantes, mudaveis, apressados,  
 Aparecidos e desaparecidos.

Já vos perdi, e perdi a esperança  
 De vos cobrar ; agora só queria  
 Comvosco se acabasse esta lembrança.

Que se cança a vida e a fantasia,  
 Viver de vós longe, mais me cança,  
 Lembrar-me o tempo que vos possuía.

## LXIX

Cara minha inimiga, em cuja mão  
 Poz meus contentamentos a ventura,  
 Faltou-te a ti na terra sepultura,  
 Porque me falte a mi consolacão.

Eternamente as aguas lograrão  
 A tua peregrina formosura ;  
 Mas emquanto me a mim a vida dura,  
 Sempre viva em minha alma te acharão.

E se meus rudes versos podem tanto,  
 Que possam prometer-te longa historia  
 De aquelle amor tão puro e verdadeiro ;

Celebrada serás sempre em meu canto :  
 Porque emquanto no mundo houver memoria  
 Será minha escriptura o teu letreiro.

## L X X

Quando de minhas máguas a comprida  
 Maginação os olhos me adormece,  
 Em sonhos aquella alma me apparece,  
 Que para mim foi sonho n'esta vida.

Lá n'uma soidade, onde estendida  
 A vista por o campo desfallece,  
 Corro após ella; e ella então parece  
 Que mais de mim se alonga, compellida.

Brado: Não me fujaes, sombra benína.  
 Ella (os olhos em mim co'um brando pejo,  
 Como quem diz, que já não pôde ser).

Torna a fugir-me; torno a bradar: *Dina...*  
 E antes que diga *mene*, accordo e vejo  
 Que nem um breve engano posso ter

## L X X I

Que poderei do mundo já querer,  
 Pois no mesmo em que puz tamanho amor,  
 Não vi senão desgosto e desfavor,  
 E morte, em fim, que mais não pôde ser?

Pois me não farta a vida de viver,  
 Pois já sei que não mata grande dôr,  
 Se houver couça que mágua dê maior,  
 Eu a verei; que tudo posso vêr.

A morte, a meu pezar, me assegurou  
 De quanto mal me vinha: já perdi  
 O que a perder o medo me ensinou.

Na vida desamor sómente vi,  
 Na morte a grande dôr que me ficou:  
 Parece que para isto só nasci.

## LXXII

Cantando estava um dia bem seguro,  
Quando passava Sylvio, e me dizia:  
(Sylvio, pastor antigo que sabia  
Por o canto das aves o futuro).

«Lyso, quando quizer o fado escuro,  
A opprimir te virão em um só dia  
Dois lobos; logo a voz e a melodia  
Tu fugirão, e o som suave e puro».

Bem foi assim; porque um me degolou  
Quanto gado vacum pastava e tinha,  
De que grandes soldadas esperava.

E por mais damno o outro me matou  
(Perpétua saudade da alma minha),  
A cordeira gentil, qu'eu tanto amava.

## LXXIII

Erros meus, má Fortuna, amor ardente  
Em minha perdição se conjuraram:  
Os erros e a Fortuna sobejaram;  
Que para mim bastava Amor sómente.

Tudo passei; mas tenho tão presente  
A grande dôr das cousas que passaram,  
Que já as frequencias suas me ensinaram  
A desejos deixar de ser contente.

Errei todo o discurso de meus annos,  
Dei causa a que a Fortuna castigasse  
As minhas mal fundadas esperanças.

De amor não vi senão breves enganós  
Oh quem tanto podesse, que fartasse  
Este meu duro Genio de vinganças!

## LXXIV

Chorae, Nymphas, os fados poderosos  
D'aquella soberana formosura,  
Onde fêram parar? na sepultura?  
Aquelles reaes olhos graciosos?

Oh bens do mundo falsos e enganosos!  
Que máguas para ouvir! Que tal figura  
Jaza sem resplendor na terra dura  
Com tal rosto e cabellos tão formosos!

Das outras que será! pois poder teve  
A morte sobre cousa tanto bella,  
Que ella eclipsava a luz do claro dia,

Mas o mundo não era digno d'ella,  
Por isso mais na terra não esteve,  
Ao céo subiu, que já se lhe devia.

## LXXV

Ah minha Dinamene! assim deixaste  
Quem nunca deixar poudes de querer-te!  
Que já, Nympha gentil, não possa vêr-te!  
Que tão veloz a vida despresaste!

Como por eterno te apartaste  
De quem tão longe andava de perder-te!  
Puderam essas aguas defender-te  
Que não visses quem tanto maguaste?

Nem sómente falar-te a dura morte  
Me deixou, qu'apressada o negro manto  
Lançar sobre os teus olhos consentiste.

Oh mar! oh céo! oh minha escura sorte!  
Qual vida perderei que valha tanto,  
Se ainda tenho por pouco o viver triste?

## LXXVI

Lembranças de meu bem, doces lembranças,  
 Que tão vivas estaes n'esta alma minha,  
 Não queiraes mais de mim, se os bens que tinha  
 Em poder vêdes todos de mudanças,

Ai cego Amor! Ai mortas esperanças  
 De qu'eu em outro tempo me mantinha!  
 Agora deixareis quem vos sostinha;  
 Acabara co'a vida as confianças.

Co'a vida acabaram, pois a ventura  
 Me roubou n'um momento aquella gloria,  
 Que, quando tão grande é, tão pouco dura.

Oh se apoz o prazer fôra a memoria!  
 Ao menos estivera a alma segura  
 De ganhar-se com ella mais victoria.

## LXXVII

Os olhos onde o casto Amor ardia,  
 Lêdo de se vêr n'elles abrazado;  
 O rosto onde com lustre desusado  
 Purpurea rosa sobre neve ardia;

O cabello, que inveja ao sol fazia,  
 Porque fazia o seu menos dourado;  
 A branca mão, o corpo bem talhado,  
 Tudo a qui se reduz a terra fria.

Perfeita formosura em tenra idade,  
 Qual flôr, que antecipada foi colhida,  
 Murchada está da mão da morte dura.

Como não morre Amor de piedade?  
 Não d'ella que foi á clara vida;  
 Mas de si, que ficou em noite escura

## LXXVIII

De frescas belvederes rodeadas  
 Estão as puras aguas d'esta fonte;  
 Formosas Nymphas lhes estão defronte,  
 A vencer e a matar acostumadas,

Andam contra Cupido levantadas  
 As suas graças, que não ha quem conte:  
 D'outro valle esquecidas, d'outro monte,  
 A vida passam n'este socegadas.

O seu poder juntou, sua valia  
 Amor, já não soffrendo este desprezo,  
 Sómente por se vêr d'ellas vingado;

Mas, vendo-as, entendeu que não podia  
 De ser morto livrar-se ou de ser prezo,  
 E ficou-se com ellas desarmado.

## LXXIX

Nos braços de um Sylvano adormecendo  
 Se estava aquella Nympha qu'eu adoro,  
 Pagando com a bôcca o dôce fôro,  
 Com que os meus olhos foi escurecendo.

Oh bella Venus! porqu'estás soffrendo  
 Que a maior formosura do teu côro  
 Em um poder tão vil perca o decoro  
 Que o merito maior lhe está devendo?

Eu levarei d'aqui por presupposto  
 D'esta nova estranheza que fizeste,  
 Que em ti não póde haver cousa segura.

Que, pois o claro lume, o bello rosto  
 A'quelle monstro tão disforme déste,  
 Não creio que haja amor, senão ventura.

## LXXX

Debaixo d'esta pedra sepultada  
 Jaz do mundo a mais nobre formosura,  
 A quem a morte, só de inveja pura,  
 Sem tempo sua vida tem roubada.

Sem ter respeito áquella assim estremada  
 Gentileza de luz, que a noite escura  
 Tornava em claro dia, cuja alvura  
 Do sol a clara luz tinha eclipsada;

Do sol peitada fôste, cruel morte,  
 Para o livrar de quem o escurecia;  
 E da lua, que ante ella luz não tinha.

Como de tal poder tiveste sorte?  
 E se a tiveste, como tão asinha  
 Tornaste a luz do mundo em terra fria?

## LXXXI

Na ribeira do Euphrates assentado;  
 Discorrendo me achei pela memoria  
 Aquelle breve bem, aquella gloria,  
 Que em ti, dôce Sião, tinha passado.

Da causa de meus males perguntando  
 Me foi: Como não cantas a historia  
 De teu passado bem, e da victoria  
 Que sempre de teu mal has alcançado?

Não sabes, que a quem canta se lhe esquece  
 O mal, inda que grave e rigoroso?  
 Canta pois, e não chores d'essa sorte.

Respondi com suspiros: Quando cresce  
 A muita saudade, o piedoso  
 Remedio é não cantar, senão a morte.

## LXXXII

Onde acharei logar tão apartado,  
E tão isento em tudo de ventura,  
Que, não digo eu de humana creatura,  
Mas nem de feras seja frequentado?

Algum bosque medonho e carregado,  
Ou selva solitaria, triste e escura,  
Sem fonte clara, ou placida verdura;  
Emfim, logar conforme a meu cuidado?

Porque alli nas entranhas dos penedos,  
Em vida morto, sepultado em vida,  
Me queixe copiosa e livremente.

Que, pois a minha pena é sem medida,  
Alli não serei triste em dias ledos,  
E dias tristes me farão contente.

## LXXXIII

Nem o tremendo estrepito da guerra  
Com armas, com incendios espantosos  
Que despacham pelouros perigosos,  
Bastantes a abalar uma alta serra.

Podem pôr medo a quem nenhum encerra,  
Depois que vio os olhos tão formosos,  
Por quem o horror nos casos pavorosos  
De mim todo se aparta e se desterra.

A vida posso ao fogo e ferro dar,  
E perdê-la em qualquer duro perigo,  
E n'elle, como phenix, renovar.

Não pôde mal haver para commigo,  
De qu'eu já me não possa bem livrar,  
Senão do que me ordena Amor imigo.

## LXXXIV

Mal, que de tempo em tempo vás crescendo,  
 Quem te visse de um bem acompanhado!  
 A vida passaria descansado,  
 Da morte não temêra o rosto horrendo.

Se os vãos cuidados fôra convertendo  
 Em suspiros que dão outro cuidado,  
 Oh quão prudente, oh quão afortunado  
 A capella de louro irá tecendo!

Tempo é já de esquecer contentamentos  
 Passados, co'a esperança que passou,  
 E de que triumphem novos pensamentos.

A fé, que viva n'alma me ficou,  
 Dê já fim aos caducos ardimentos  
 A que o passado bem se condemnou.

## LXXXV

Ditosas almas, que ambas juntamente  
 Ao céo de Venus e de Amor voastes,  
 Onde um bem que tão breve cá lograstes,  
 Estaes logrando agora eternamente;

Aquelle estado vosso tão contente,  
 Que só por durar pouco triste achastes.  
 Por outro mais contente já o trocastes,  
 Onde sem sobresalto o bem se sente.

Triste de quem cá vive tão cercado,  
 Na amorosa fineza, de um tormento  
 Que a gloria lhe perturba mais crescida!

Triste, pois me não val o soffrimento,  
 E Amor para mais damno me tem dado  
 Para tão duro mal tão larga vida!

## LXXXVI

Nas cidades, nos bosques, nas florestas,  
 Nos valles, e nos montes, teus louvores  
 Sempre te cantem musicos pastores  
 Nas manhãs frias, nas ardentes sestas.

E n'este Templo d'onde manifestas  
 E repartes agora teus favores,  
 Com psalmos, hymnos, e com varias flôres  
 Sejam celebres sempre as tuas festas.

Estes te offereçam pés, ess'outros mãos;  
 D'aquelles pendam sobre os teus altares  
 Monstros do mar, de servidão prisões.

Que eu cuidados enganos e affeições  
 Muito maiores monstros, e milhares  
 Te deixo aqui de pensamentos vãos.

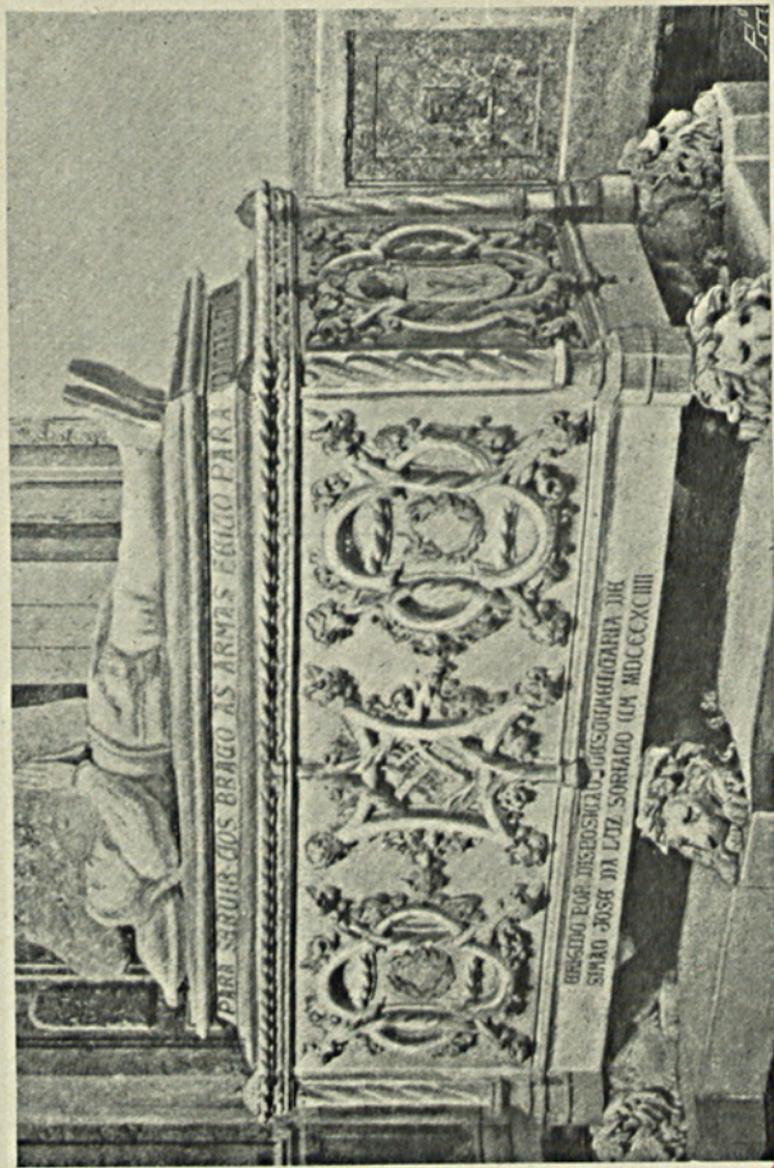
## LXXXVII

Memorias offendidas que um só dia  
 Me não deixaes em paz o pensamento,  
 Não me damneis o gôsto do tormento  
 Que quem vos offendeu vos defendia.

Que me quereis? olhae que se injuria  
 Comvosco o delicado sentimento,  
 Que me ficou do eterno apartamento  
 De quem tem já desfeita a morte fria.

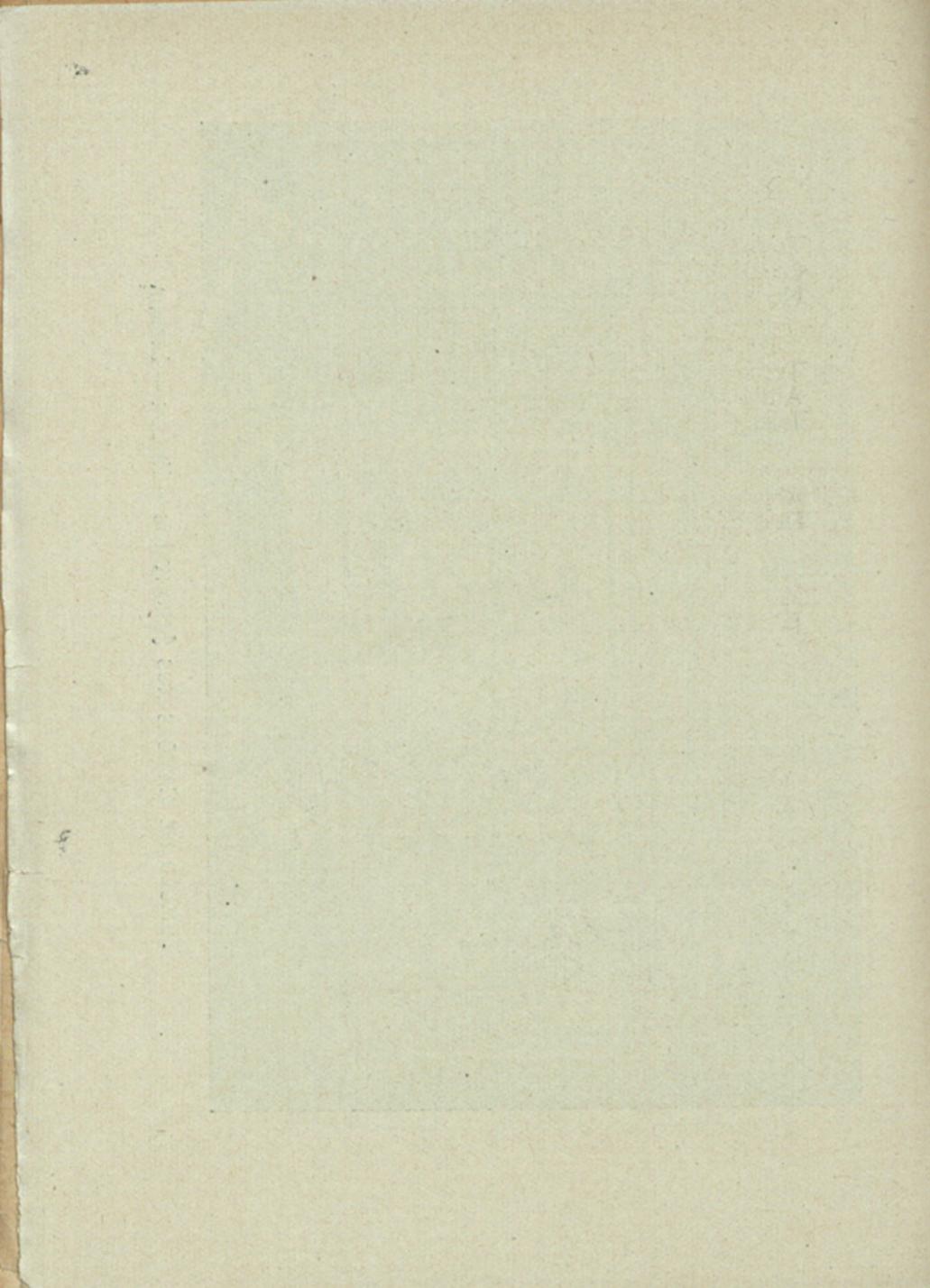
Deixaram-me com a magua das offensas,  
 Levaram um remedio que só tinha  
 Quem irá vencer a pena que a alma sente.

Onde achará do damno as recompensas  
 Que ainda de ser triste, a dita minha  
 Me não deixa um momento ser contente.



TUMULO DE CAMÕES NOS JERONIMOS — BELEM — LISBOA





## LXXXVIII

Oh fortuna cruel, oh dura sorte  
 Trabalho que me poz em tal estado,  
 Que não quero já ser enganado  
 Nem tem cura meu mal senão a morte.

E's cego, dize, Amor? por que tão forte  
 Te mostras contra quem tão mal tratado  
 Anda de te servir, e maguado  
 Traz o coração ferido de teu córte?

Mas já que não quer mal senão tratar-me  
 Ah, cruel fortuna minha, ó amor,  
 Deixa-me sequer poder queixar-me.

Porque em tanto trabalho e tanta dôr,  
 Mal poderei sem isto consolar-me,  
 Já que de ti não quero outró favor.

## LXXXIX

A Morte, que da vida o nó desata,  
 Os nós que dá o Amor, cortar quizera  
 Co'a Ausencia, que é sobre elle espada fera,  
 E co'o Tempo, que tudo desbarata.

Duas contrarias, que uma outra mata,  
 A Morte contra Amor junta e altera;  
 Uma, Razão contra a Fortuna, austera;  
 Outra, contra a Razão, Fortuna, ingrata,

Mas mostre a sua imperial potencia  
 A Morte em apartar de um corpo a alma,  
 O Amor n'um corpo duas almas una;

Para que assim triumphante teve a palma  
 Da Morte, Amor, a grão pesar da Ausencia,  
 De tempo, da Razão, e da Fortuna.

## X C

Formoso Tejo meu, quão differente  
Te vejo e vi, me vês agora e viste.  
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,  
Claro te vi eu já, tu a mim contente.

A ti foi te trocando a grossa enchente  
A quem teu largo campo não resiste,  
A mim trocou-me a vista em que consiste  
Meu viver contente ou descontente.

Já que sômos no mal participantes  
Sejamol-o no bem, ah quem me dera  
Que fôssemos em tudo semelhantes.

Lá virá então a fresca primavera,  
Tu tornarás a ser quem cras d'antes,  
Eu não sei se serei quem d'antes era.

## X C I

Vi queixosos de amor mil namorados,  
E nenhuns inda vi com seus louvores ;  
E aquelle que mais chora o mal de amores,  
Vejo menos fugir de seus cuidados.

Se das dôres de Amor sois mal tratados,  
Porque tanto buscaes de Amor as dôres?  
E se tambem as tendes por favores,  
Porque d'ellas falaes como aggravados?

Não queiraes alegria achar algua  
No Amor, porque é composto de tristeza,  
Na fortuna que acheis mais agradavel.

N'ella, e n'elle achei sempre a mesma lua,  
Em quem nunca se viu outra firmeza,  
Que não seja a de ser sempre mudavel.

## XCII

Se lagrimas choradas de verdade  
O marmore abrandar podem mais duro,  
Porque as minhas que nascem de amor puro  
Um coração não rendem a piedade?

Por vós perdi, Senhora, a liberdade,  
E nem da propria vida estou seguro;  
Rompei d'esse rigor o forte muro,  
Não passe tanto avante a crueldade,

Ao prezar de desprezos dae já fim:  
Não vos chamem cruel; nome devido  
A quem se ri de quem suspira e ama.

Abrandaes esse peito endurecido,  
Por o que toca a vós, já não por mim,  
Que eu aventuro a vida, e vós a fama.

## XCIII

Já me fundei em vãos contentamentos,  
Quando d'elles vivi todo enganado  
De um phantastico bem, e de um cuidado,  
De que só cuidam cegos pensamentos.

Passava dias, horas e momentos,  
D'este enleio de amores tão pagado,  
Que tinha só por bem-aventurado  
Quem só por elles mais bebia os ventos.

Mas agora que já cahi na conta,  
Desengana-me quanto me enganava;  
Que tudo o tempo dá, tudo descobre.

O Amor mais caudaloso menos monta.  
Qu'é de góstos mais rico, eu ignorava,  
Aquelle que de Amores é mais pobre.

## X C I V

Em uma lapa toda tenebrosa,  
 Adonde bate o mar com furia brava,  
 Sobre uma mão um rosto, vi qu'estava  
 Uma Nympha gentil, mas cuidadosa.

Egualmente que linda, lastimosa,  
 Aljofar dos seus olhos distillava:  
 O mar os seus furores applicava  
 Com vêr cousa tão triste e tão formosa.

Alguma vez na horrivel penedia  
 Os bellos olhos punha com brandura,  
 Bastante a desfazer sua dureza.

Com angelica voz assim dizia:  
 Ah! que falte mais vezes a ventura  
 Onde sobeja mais a natureza!

## X C V

Oh memoria do bem cortado em flôres,  
 Por ordem de meus tristes e maus fados,  
 Deixae-me descançar com meus cuidados,  
 N'esta inquietação de meus amores.

Basta-me o mal presente, e os temores  
 Dos successos que espero infortunados,  
 Sem que venham de novo bens passados  
 Affrontar meu repouso com suas dôres.

Perdi n'um'hora tudo quanto em termos  
 Tão vagarosos e largos alcancei;  
 Deixae-me pois, lembranças d'esta gloria,

Cumpre acabe a vida n'estes ermos,  
 Porque n'elles com meu mal acabarei  
 Mil vidas, não uma só, dura memoria!

## XCVI

Aqui de longos damnos breve historia  
Verão os que se jactam de amadores,  
Reparo pôde ser das suas dôres  
Não apartar as minhas da memoria.

Escrevi, não por fama, nem por gloria,  
De que outros versos são merecedores,  
Mas por mostrar seus triumphos, seus rigores  
A quem de mim logrou tanta victoria.

Crescendo foi a dôr co'o tempo, tanto  
Que em numero me fez, alheio de arte,  
Dizer do cego Amor, que me venceu.

Se ao canto dei a voz, dei alma ao pranto ;  
E dando a penna á mão, esta só parte  
De minhas tristes penas escreveu.

## XCVII

Já cantei, já chorei a dura guerra  
Por Amor sustentada longos annos ;  
Veze mil me vedou dizer seus damnos,  
Por não vêr quem o segue o muito que erra.

Nymphas, por quem Castalia se abre e cerra,  
Vós que fazeis á morte mil enganos,  
Concedei-me já alentos soberanos  
Para que diga o mal que Amor encerra :

Para que aquelle, que o seguir ardente,  
Veja em meus puros versos um exemplo  
De quanto em glorias promettidas mente.

Qu'inda qu'em triste estado me contemplo,  
Se n'este assumpto me inspiraes, contente  
Darei a minha lyra ao vosso templo.

## XCVIII

Depois de haver chorado os meus tormentos,  
 Quer Amor que lhe cante as suas glórias ;  
 Canto de uma belleza os vencimentos ;  
 De um longo padecer choro as memorias.

Porém, se as minhas pennas são victorias,  
 Por a causa, a meus altos pensamentos,  
 Dilatem-se em larguissimas historias  
 Estes meus gloriosos rendimentos.

Mova-se em todo o mundo unico espanto  
 De que é, por a belleza qu'eu adoro,  
 Do que cantado tenho premio o pranto,

Contente offereço a Amor tão triste fôro :  
 Que se choro não ha como o meu canto,  
 Não sei canto melhor qu'este meu choro.

## XCIX

Onde mereci eu tal pensamento  
 Nunca de ser humano merecido ?  
 Onde mereci eu ficar vencido  
 De quem tanto me honrou co'o vencimento ?

Em gloria se converte o meu tormento,  
 Quando vendo-me estou tão bem perdido ;  
 Pois não foi tanto mal ser atrevido,  
 Como foi gloria o mesmo atrevimento.

Vivo, Senhora, só de contemplar-vos ;  
 E pois esta alma tenho tão rendida,  
 Em lagrimas desfeito acabarei.

Porque não me farão deixar de amar-vos  
 Receios de perder por vós a vida ;  
 Que por vós vezes mil a perderei,

## C

Quanta incerta esperança, quanto engano!  
Quanto viver de falsos pensamentos  
Pois todos vão fazer seus fundamentos  
Só no mesmo em que está seu proprio damno.

Na incerta vida estribam de um humano;  
Dão credito a palavras que são vento;  
Choram depois as horas e os momentos,  
Que riram com mais gôsto em todo o anno,

Não haja em apparencias confianças;  
Entendei que o viver é de emprestado;  
Que o de que vive o mundo são mudanças.

Mudae, pois o sentido e o cuidado,  
Sómente amando aquellas esperanças  
Que duram para sempre com o amado.

## C I

Contente vivi já, vendo-me isento  
D'este mal de que a muitos queixar via:  
Chamam-lhe amor; mas eu lhe chamaria  
Discórdia e sem-razão, guerra e tormento.

Enganou-me co'o nome o pensamento:  
(Quem com tal nome não se enganaria?)  
Agora tal estôu, que temo um dia  
Em que venha a faltar-me o soffrimento.

Com desesperação, e com desejo  
Me paga o que por elle estou passando,  
E inda está do meu mal mal satisfeito.

Pois sobre tantos damnos inda vejo  
Para dar-me outros mil um olhar brando,  
E para os não curar um duro peito.

## CII

Contas que traz amor com meus cuidados.  
 Me fazem contas dar de meu tormento,  
 São contas com que anda o pensamento,  
 Contando magoas tristes, duros fados.

Contas crueis serão, se mal contados  
 Os meus serviços fôrem, cujo intento  
 E' sempre fazer conta em fundamento,  
 Em contar-se por bem afortunados :

Se em sahindo cá fóra vos eu vejo  
 Contas, do peito em lagrimas tornadas,  
 A' causa d'este effeito ide sem pejo ;

E lá direis que sois gotas salgadas  
 Do infinito mar do meu desejo,  
 Que accende o fogo com que sois forjadas.

## CIII

Com o tempo o prado verde reverdece,  
 Com o tempo cae a folha ao bosque umbroso,  
 Com o tempo pára o rio caudaloso,  
 Com o tempo o campo pobre se enriquece.

Com o tempo um louro morre, outro florece,  
 Com o tempo um é sereno, outro invernoso,  
 Com o tempo foje o mal duro e penoso,  
 Com o tempo torna o bem já quando esquece.

Com o tempo faz mudança a sorte avara,  
 Com o tempo se aniquilla um grande estado,  
 Com o tempo torna a ser mais eminente.

Com o tempo tudo anda e tudo pára,  
 Mas só aquelle tempo que é passado  
 Com o tempo se não faz tempo presente.

## CIV

Arvore, cujo pômo bello e brando  
Natureza de leite e sangue pinta,  
Onde a pureza, de vergonha tinta,  
Estás virgíneas faces imitando;

Nunca do vento a ira, que arrancando  
Os troncos vae, a tua injuria sinta;  
Nem por malicia de arte seja extincta  
A côr que está teu fructo debuxando,

E pois emprestas dôce e idoneo abrigo  
A meu contentamento, e favoreces  
Com teu suave cheiro a minha gloria;

Se eu não te celebrar como mereces,  
Cantando-te, se quer farei contigo  
Dôce nos casos tristes a memoria,

## CV

Que modo tão subtil da natureza  
Para fugir ao mundo e seus enganos!  
Permitte que se esconda em tenros annos  
Debaixo de um burel tanta belleza!

Mas não pôde esconder-se aquella alteza  
E gravidade de olhos soberanos,  
A cujo resplendor entre os humanos  
Resistencia não sinto, ou fortaleza.

Quem quer livre ficar de dôr e pena,  
Vendo-a já, já trazendo-a na memoria,  
Na mêmra razão sua se condemna

Porque quem mereceu vêr tanta gloria  
Captivo ha de ficar; que amor ordena  
Que de juro tenha ella esta victoria.

## CVI

O dia, hora em que naci moura e pereça,  
Não o queira jámais o tempo dar,  
Não torne mais o mundo a tornar,  
Eclipse n'esse passo o sol padeça.

A luz lhe falte, o sol se escureça,  
Mostre o mundo signaes de se acabar,  
Naçam-lhe monstros, sangue chova o ár,  
A mãe ao proprio filho não conheça.

As pessôas pasmadas de ignorantes,  
As lagrimas no rosto, a côr perdida,  
Cuidem que o mundo já se destruiu.

Oh gente temerosa, não te espantes,  
Que este dia deitou ao mundo a vida  
Mais desgraçada que já mais se viu.



# INDICE

## SONETOS—PARTE II

	Paginas
Acho-me da fortuna salteado. . . . .	36
Ah, minha Dinamene! assim deixaste. . . . .	42
Ai, imiga cruel, que apartamento . . . . .	19
Alegres campos verdes arvoredos. . . . .	10
Alma minha gentil que te partiste. . . . .	33
Amor que em sonhos vãs do pensamento. . . . .	12
A morte que da vida o nó desata. . . . .	49
Apartava-se Nise de Montano . . . . .	14
A peregrinação d'um pensamento . . . . .	36
Aquella triste e leda madrugada . . . . .	9
Aqui de longos damnos breve historia. . . . .	53
Arvore, cujo pômo bello e brando. . . . .	57
Ausente d'essa vista pura e bella . . . . .	38
Brandas aguas do Tejo que, passando. . . . .	7
Cantando estava um dia bem seguro . . . . .	41
Cara minha inimiga em cuja mão . . . . .	39
Chorai Nymphas os fados poderosos. . . . .	42
Com o tempo o prado verde reverdece. . . . .	56
Contas que traz amor com meus cuidados . . . . .	56
Contente vivi já vendo-me isento. . . . .	55
Creou a natureza Damas bellas . . . . .	32
Crescei, desejo meu, pois que a ventura . . . . .	31
De amor escrevo, de amor trato e vivo. . . . .	6
Debaixo d'esta pedra sepultada. . . . .	45
De cá, d'onde sómente o imaginar-vos. . . . .	27
De frescas belvederes rodeadas . . . . .	44
De mil suspeitas vãs se me levantam . . . . .	28
Depois de haver chorado os meus tormentos . . . . .	54

Depois de tantos dias mal gastados. . . . .	15
Ditosa seja aquelle que sómente. . . . .	16
Ditasas almas que ambas juntamente. . . . .	47
Diversos casos, varios pensamentos. . . . .	20
Divina companhia, que nos prados. . . . .	35
Do corpo estava já quasi forçada. . . . .	34
Dôce contentamento já passado. . . . .	25
Em prisões baixas fui um tempo atado . . . . .	29
Em uma lapa toda tenebrosa. . . . .	52
Erros meus, má Fortuna, amor ardente. . . . .	41
Este terrestre cháos com seus vapores . . . . .	30
Eu cantei já e agora vou chorando. . . . .	7
Eu me aparto de vós, Nymphas do Tejo. . . . .	15
Formosa Beatriz, tendes taes geitos . . . . .	12
Formoso Tejo meu, quão differente. . . . .	50
Gentil Senhora, se a Fortuna imiga. . . . .	19
Gôstos falsos de amor, gôstos fingidos. . . . .	39
Horas breves de meu contentamento. . . . .	25
Já cantei, já chorei a dura guerra. . . . .	53
Já me fundei em vãos contentamentos. . . . .	51
Já não sinto, Senhora, os desenganos. . . . .	26
Lembranças de meu bem, doces lembranças. . . . .	43
Lembranças que lembraes o bem passado . . . . .	24
Mal que de tempo em tempo vás crescendo . . . . .	47
Memoria de meu bem cortado em flor . . . . .	34
Memorias offendidas que um só dia. . . . .	48
Moradoras gentis e delicadas. . . . .	6
Na ribeira do Euphrates assentado . . . . .	45
Nas cidades, nos bosques, nas florestas . . . . .	48
Nem o tremendo estrepito da guerra. . . . .	46
No mundo quiz o Tempo que se achasse . . . . .	16
No regaço da mãe Amor estava. . . . .	30
No tempo que de amor viver sohia . . . . .	29
Nos braços de um Sylvano adormecendo. . . . .	44
Novos casos de Amor, novos enganos. . . . .	8
N'um tão alto logar, de tanto preço . . . . .	22
O céo, a terra, o vento socegado. . . . .	18
O dia, hora em naci moura e pereça . . . . .	58
Oh fortuna cruel, oh dura sorte . . . . .	49

Oh memoria do bem cortado em flores . . .	52
Oh rigorosa ausencia desejada. . . . .	21
Onde acharei logar tão apartado. . . . .	46
Onde mereci eu tal pensamento. . . . .	54
Os meus alegres venturosos dias . . . . .	9
Os olhos onde o casto Amor ardia . . . . .	43
Os vestidos Elisa revolvía. . . . .	17
O tempo acaba o anno, o mez e a hora. . .	23
Posto me tem fortuna em tal estado . . . . .	24
Qual tem a borboleta por costume . . . . .	8
Quando a suprema dôr muito me aperta. . .	21
Quando vejo que meu destino ordena. . . . .	14
Quando os olhos emprego no passado . . . . .	38
Quando de minhas máguas a comprida . . . .	40
Quanta incerta esperança, quanto engano!	55
Quantas penas, amor, quantos cuidados . . .	22
Quanto tempo, olhos meus, com tal lamento	37
Que esperaes, esperança? Desespéro . . . . .	32
Que fiz, amor, que assim tão mal me trataes	13
Que modo tão subtil da natureza . . . . .	57
Que pode já fazer minha ventura . . . . .	27
Que poderei do mundo já querer . . . . .	40
Quem diz que amor é falso ou enganoso. . .	11
Quem quizer vêr de amor uma excellencia	17
Se ao que te quero désses tanta fé . . . . .	13
Se algum'hora essa vista mais suave . . . . .	33
Se como em tudo o mais fostes perfeita . . .	23
Se em mim, ó alma, vive mais lembrança.	35
Se lagrimas choradas de verdade . . . . .	51
Se no que tenho dito vos offendo . . . . .	37
Se quando vos perdi, minha esperança . . . .	10
Senhora já d'esta alma perdoae . . . . .	20
Senhora minha, se eu de vós ausente . . . . .	28
Sentindo-se alcançada a bella esposa . . . .	18
Sustenta o meu viver uma esperança. . . . .	26
Tem feito os olhos n'este apartamento . . . .	11
Uma admiravel herva se conhece . . . . .	31
Vi queixosos de Amor mil namorados. . . .	50
Vós, que escutaes em rimas derramado . . . .	5



## SONETOS APOCRIFOS E DUVIDOSOS

---

VASCO MOUSINHO DE QUEVEDO :

Espanta crescer tanto o crocodillo (*Rimas*. 1595).

DIOGO BERNARDES :

Depois de tantos dias mal gastados (1595).  
Eu me aparto de vós, Nymphas do Tejo (1595).  
Se quando vos perdi, minha esperança (1595).  
Com grandes esperanças já cantei (*Rima*. 1598).  
A perfeição, a graça, o suave gesto (1598).  
Aquella que de amor descomedido (1598).  
Aquella que de pura castidade (1598).  
Bem sei, amor, que é certo o que receio (1598).  
Já a saudosa aurora destoucava (1598).  
Quem fosse acompanhando juntamente (1598).  
Quando de minhas máguas a comprida (1598).  
Cantando estava um dia bem seguro (*Rima*. 1616).  
Correm turvas as aguas d'este rio (1616).  
Doces aguas e claras do Mondego (1616).  
Julga-me a gente toda por perdido (1616).  
Alá em Monte Rei em Bal do Laça (*Rima*. 1668).  
Ar, que de meus suspiros vejo cheio (1668).  
Brandas aguas do Tejo que passando (1668).  
De mil suspeitas vãs do pensamento (1668).  
Horas breves de meu contentamento (1668).  
Hum firme coração posto em ventura (1668).

Já do Mondego as aguas apparecem (1668).  
 Lás peñas retumbavan al gemido (1668).  
 Na margem de um ribeiro que fendia (1668).  
 Novos casos de amôr, novos enganos (1668).  
 Onde porei meus olhos, que não veja (1668).  
 Porque me faz amor inda a ca torto (1668).  
 Quantas penas, amor, quantos cuidados (1668).  
 Que doido pensamento é o que eu sigo (1668).  
 Aqui de largos annos breve historia (Rima. 1685).  
 Contento já vivi, vendo-me isento (1685).  
 Já cantei, já chorei a dura guerra (1685).  
 Os meus alegres dias deleitosos (1685).  
 Os olhos onde o casto amor ardia (1685).  
 Pois torna por seu rei e juntamente (1685).  
 Se lagrimas choradas de verdade (1685).

FRANCISCO DE ANDRADE:

Formosura do céu a nós descida (1595).

SIMÃO DA VEIGA:

Que vençaes no Oriente tanto rei (1595).

FERNÃO RODRIGUES LOBO SOROPITA ;

Conversação domestica affeiçôa (1598).  
 De cá, d'onde sómente imaginar-vos (1668).  
 Esses cabellos louros escolhidos (1668).  
 Não ha louvor que arribe a menor parte (1668).  
 Amor, que em sonhos vãos do pensamento (1685).  
 Quando os passados bens me represento (1860).

D. MANOEL DE PORTUGAL:

A perfeição, a graça e o doce gesto (1598).  
 No bastava que amor puro y ardiente (1668).  
 Ayudame, señora, a hazer venganza (1685).  
 Dulces enganos de mis ojos tristes (1685).

Oh claras aguas d'este lindo rio (1685).  
 Si el fuego que me enciende consumido (1685).  
 Quanto tempo, olhos meus, com tal lamento (1685).  
 Los ojos que con blando movimiento (1668).  
 Quanto tempo ha que lloro un triste dia (1685).  
 Já tempo foi que meus olhos traziam (Rim. 1860).  
 Queimado sejas tu e teus enganos (Rim. 1870).

**DONA IZABEL DE CASTRO:**

Se tomar minha pena em penitencia (1598).

**DUQUE DE AVEIRO:**

Que levas, cruel morte? Um claro dia (1598).  
 Que fiz, Amor, que tão cruel me tratastes? (1860).

**ESTEVAM RODRIGUES DE CASTRO:**

A perfeição, a graça, o suave gesto (1598).  
 Doce despojo do meu bem passado (1668).  
 Lembranças do meu bem, doces lembranças (1685).  
 Os olhos onde o amor mesmo ardia (1685).  
 Ondados fios de ouro onde enlaçado (1685).  
 Um brando mover de olhos grave e honesto (1685).  
 Formoso Tejo meu, quam diferente (1860).  
 Quam cedo te roubou a morte crua (1860).

**SÁ DE MIRANDA:**

Se me vem tanta gloria só de olhar-te (1616).  
 Horas breves de meu contentamento (1685).  
 Ay, quien dará a mis ojos una fuente (1685).  
 Mil vezes entre sueños tu figura (1685).  
 Amor livre e Razão dentro em meu peito (1870).

**ANDRÉ FALCÃO DE REZENDE:**

Para se namorar do que creou (1616).

## MIGUEL LEITÃO DE ANDRADE:

Se me vem tanta gloria só de vêr-te (1616).  
 Crescei, desejo meu, pois que a ventura (1668).  
 De quantas graças tinha a natureza (1668).  
 Este terrestre cáos com seus vapores (1668).  
 He o gosado bem em agua escrito (1668).  
 Nunca em amor danou o atrevimento (1668).  
 Se alguma hora essa vista mais suave (1668).  
 Si mil vidas tuviera que entregaros (1880).

## FRANCISCO GALVÃO:

Para se namorar do que creou (1616).  
 Por que a tamanhas penas se offerece (1616).  
 Oh gloriosa Cruz! oh victoriosa (1860).

## PEDRO DA COSTA PERESTRELLO:

Se me vem tanta gloria só de olhar-te (1616).

## FR. BERNARDO DE BRITO:

Por gloria tuve un tiempo el ser perdido (1668).

## MARQUEZ DE ALEMQUER:

Es el gosado bien en agua escrito (1668).

## DIOGO HURTADO DE MENDOZA:

A la margen del Tajo en claro dia (1668).  
 En una selva al despontar del dia (1668).

## LUIZ ALVARES PEREIRA:

De amor escrevo, de amor trato e vivo (1668).

DR. AYRES PINHEL:

Mi gusto y tu beldad se desposaron (1668).

PEDRO DA CUNHA:

Tem feito os olhos n'este apartamento (1663).

DR. ALVARO VAZ:

Se o que tenho dito vos offende (1668).

INFANTE D. LUIZ:

Horas breves de meu contentamento (1668).

Aos homens um só homem pôz espanto (1685).

Aponta a bella aurora luz primeira (1685).

Como louvarei eu, seraphim santo (1685).

Como pedes, oh cego peccador (1685).

De Babel sobre os rios nos sentamos (1685).

Em Babylonia sobre os rios, quando, (1685).

Imagens vãs me imprime a phantasia (1685).

Mal que de tempo a tempo vac crescendo (1685).

Oh arma, unicamente triumphante (1685).

Porque a terra no céu agasalhaste (1685).

Quanta incerta esperança, quanto engano (1685).

Que estilla a arvore santa? Um licor santo (1685).

Sobre os rios do reino escuro, quando (1685).

MARTIM DE CRASTO:

Acho-me da fortuna salteado (1685).

A peregrinação de um pensamento (1685).

Lembranças do meu bem, doces lembranças (1685).

Quando da vossa vista me apartava (1680).

D. LUIZ DE ATHAYDE:

Tem feito os olhos n'este apartamento (1685).

D. SIMÃO DA SILVEIRA :

Oh, cese ya, señor, te dura mano (1685).

CONDE DO VIMIOSO :

Quando os olhos emprego no passado (1685).

ANONYMO :

Nas cidades, nos bosques, nas florestas (1685).

Quando descansareis olhos cansados (1860).

Ero de una alta torre do miraba (1880).

Se me vem tanta gloria só de olhar-te (1616).

BALTHAZAR ESTAÇO :

C'o tempo o prado secco reverdece (1860).

FRANCISCO MENDES :

Formoso Tejo meu, quam diferente (1860).

HENRIQUE NUNES (DE SANTAREM):

Que fiz, amor, que tão mal me trataas (1860).

JORGE DE MONTEMÓR :

Que haces, hombre? Estoyme calentando (1880).

Ero de una alta torre do miraba (1880).

VALENTIM DA SILVA :

Argus quizera ser para mirarvos (1880).

FRANCISCO DE SÁ (DE MENEZES?):

Mil vezes entre sueños tu figura (1685).

## D. JÓÃO DA SILVA (CONDE DE PORTALEGRE):

Ay Dios si yo cegara antes que os viera (1880).

## ANONYMOS:

- El vaso reluziente y cristalino (Ed. 1668)  
 En una selva al despontar del dia (1668).  
 Orfeo enamorado que tañia (1668).  
 Rebuelvo en la incessable fantazia (1668).  
 Por gloria tuvé un tiempo ser perdido (1685).  
 Al pie de una verde e alta enzina (1860).  
 Amor, amor que fieres al cuitado (1860).  
 Cansada y rouca voz por que velando (1860).  
 Do estan los claros ojos que calgada (1860).  
 Ventana ventarosa do amanece (1860).  
 Luiza, son tan rubios tus cabellos (1873).  
 Del fondo valle del tormento mio (1880).  
 En la escuela de Amor es presidente (1880).  
 Es lo blanco castissima pureza (1880).  
 Que es esto Dios do Amor que ya no vales (1880).  
 Señor no se despacha pretendiente (1880).

## DR. DIEGO RAMIRES:

A la margen del Tajo en claro dia (1668).  
 (*Ribera del Danubio, a medio dia.*)

## GARCILASSO:

Suspechas que en mi triste fantasia (1668).  
 Ilustre Gracia, nombre de una moça (1685).

## MARQUEZ DE ASTORGA:

Con razon os vays, aguas fatigando (1685).  
 I. M. (*Cancion Cance. de Paris* de Luiz Franco)  
 Mi gusto y tu beldad se desposaran (1685).



## ANONYMO:

La letra que del nombre en que me fundo (1865).  
 Angelica la bella despreciando (1873).  
 Si mil vidas tuviera que entregaros (1880).  
 Ay Dios si yo cegara antes que os viera (1880).  
 De relucientes rimas la hermosa (1890).

## MS. DA ACADEMIA:

Ay Dios si yo cegara antes que os viera (1880).

## GREGÓRIO SYLVESTRE:

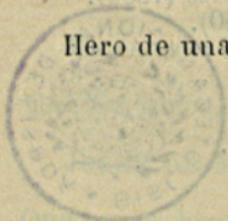
De relucientes armas la hermosa (1880).

## LOPE DE VEGA;

Ir y quedar y con quedar partirse (1880).

## CANCIONERO GÉNERAL DE 1557:

Hero de una alta torre do miraba 1880,



## INDICE DAS GRAVURAS

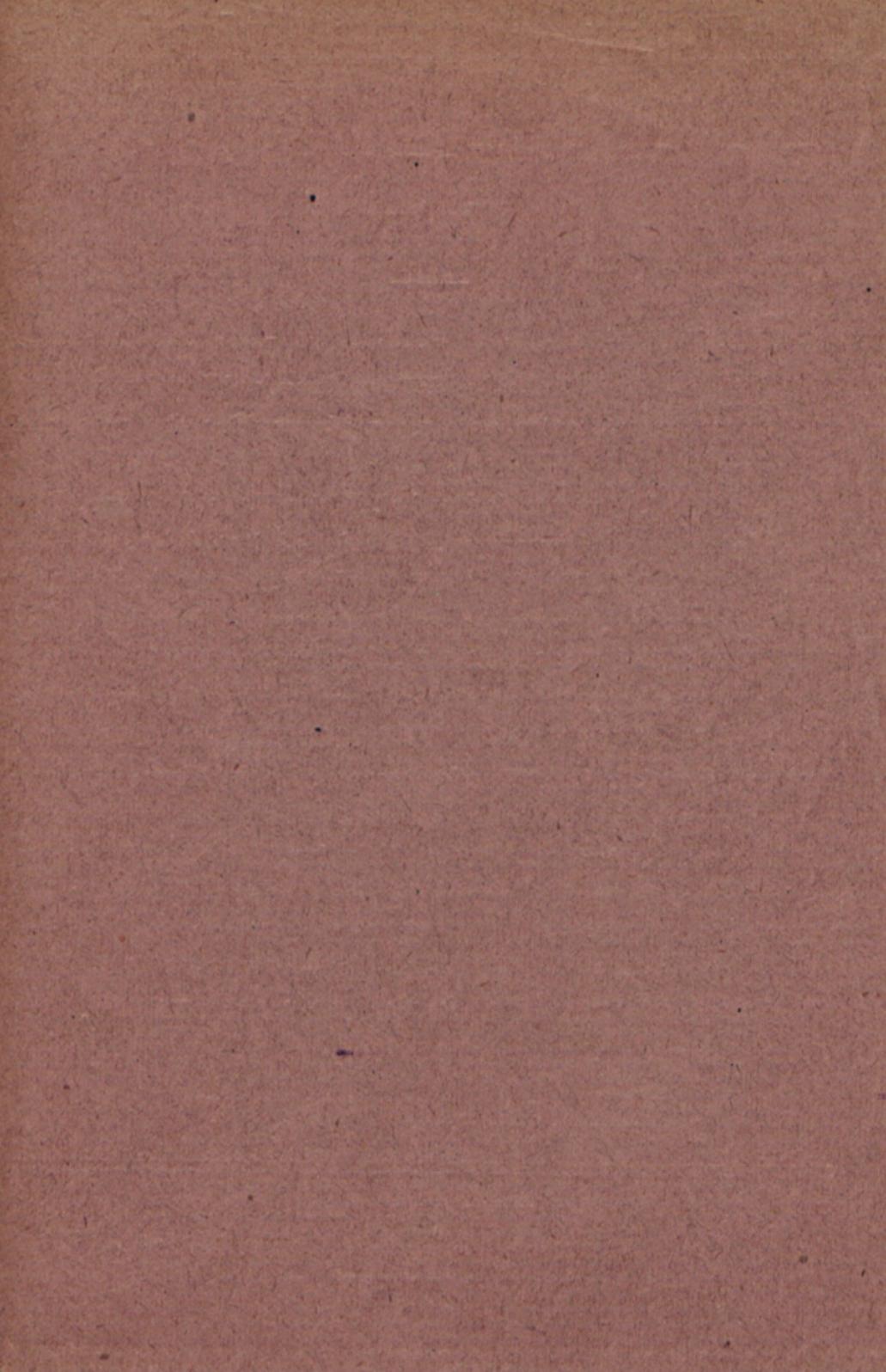
---

Theophilo Braga . . . . .	4
Camões conseguindo salvar-se . . . . .	16
Estatua de Camões em Lisboa . . . . .	32
Tumulo de Camões nos Jeronymos, Lisboa	48

---

*Cam*  
257 2





## Galeria de Homens celebres do Universo

---

**N**o mesmo formato dos «Sonetos» de Camões e em elegantes volumes illustrados de 64 paginas, publicará a empreza **“A Educadora,”** entre outras, as biographias dos seguintes vultos:

Napoleão I, Marquez de Pombal, Victor Hugo, Voltaire, Pasteur, Affonso de Albuquerque, Michelet, Jules Simon, Gaspar Corte Real, Thiers, José Estevão, Gambetta, Bismarck, Vasco da Gama, Lamartine, Byron, Lafayette, Alexandre Herculano, Carlos Gomes, Duc de Aumale, J. J. Rousseau, Chateaubriand, Dante, Gultenberg, Balzac, Curie, Garrett, Elias Garcia, Grévy, Casimir Périer, Mousinho da Silveira, Camillo Castello Branco, Passos Manoel, Nobel, Claude Bernard, Louis Blanc, Washington, Charcot, Bartholomen de Gusmão, Nuno Alvares Pereira, Latino Coelho, Galileu, Goethe, Richelieu, Castellar, Padre Antonio Vieira, Gounod, Wagner, Eça de Queiroz, Fernão de Magalhães, Pedro Alvares Cabral, Buffon, Bernardin de Saint Pierre, Chopin, Livingston, Necker, Marechal Saldanha, Mirabeau, Alexandre Dumas, Berthelot, Michel Ange, Fénélon, Paul Broca, Mozart, etc.

**CADA VOLUME 100 REIS**

---

**FAMALICÃO**

Typ. Minerva de G. Pinto de Sousa & Irmão

20, RUA 5 DE OUTUBRO, 24

1913